

# BLUMENAU

## em Cadernos



FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU 26 ANOS

TOMO XXXIX

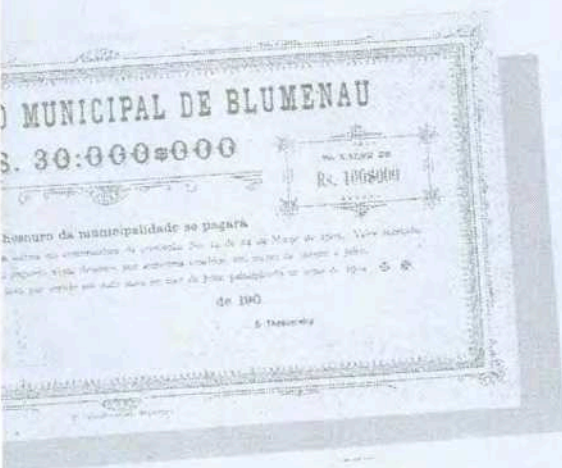
AGOSTO 1998

NÚMERO 08



# BLUMENAU

## em Cadernos



**Fundação Cultural de Blumenau**  
Braulio Maria Schloegel  
*Presidente*

**Diretoria Administrativo-Financeira**  
Maria Teresinha Heimann

**Diretoria Histórico-Museológica**  
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.  
Mensal

**Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"**  
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

**FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU**

**Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”**





**REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”**

**CAPA**

*Projeto Gráfico:* Silvio Roberto de Braga  
Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”  
Rótulos de antigas indústrias e  
estabelecimentos comerciais de Blumenau.

**DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

**CONSELHO EDITORIAL**

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,  
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

**APOIO TÉCNICO**

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

**DIGITAÇÃO**

Edelberto Hartmann Júnior

**DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO**

Cristina Ferreira

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.  
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600  
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

**EDIÇÃO**

Editora Cultura em Movimento

**DIREÇÃO EXECUTIVA**

Dirceu Bombonatti

## SUMÁRIO

|                                                                            |    |
|----------------------------------------------------------------------------|----|
| Cartas de Famílias (08/7/1886 e 06/10/1886)                                |    |
| <i>Teresa Stutzer</i> .....                                                | 07 |
| Roupa de Missa                                                             |    |
| <i>Urda Alice Klueger</i> .....                                            | 14 |
| Carta aos Pais e Parentes (23/9/1846 e 05/8/1848)                          |    |
| <i>Hermann Blumenau</i> .....                                              | 17 |
| Cultura e Identidade dos Descendentes de Alemães: uma Identidade-Problema? |    |
| <i>Sávio Alexandre Müller</i> .....                                        | 23 |
| Historiografia Catarinense da Revolução Federalista                        |    |
| <i>Jali Meirinho</i> .....                                                 | 32 |
| Hotel Gross                                                                |    |
| <i>Siegfried Carlos Wahle</i> .....                                        | 41 |
| Questões Sobre o Corpo e a Saúde                                           |    |
| .....                                                                      | 44 |
| Imagens Fotográficas no Cenário da Pesquisa                                |    |
| <i>Cristina Ferreira</i> .....                                             | 48 |
| Aristocrata no “Projeto Esperança”                                         |    |
| <i>Theobaldo Costa Jamundá</i> .....                                       | 52 |
| Cicatrizes, um Romance que promete / Variadas                              |    |
| <i>Enéas Athanázio</i> .....                                               | 57 |





**Documentos  
Originais**  
Correspondências

**Cartas  
de Famílias\***  
(08/7/1886 -  
06/10/1886)

Texto:

*TERESA STUTZER*

**BLUMENAU**  
*em Cadernos*

*Os leitores de "Blumenau em Cadernos" que acompanharam as edições anteriores puderam constatar momentos de poesia, entusiasmo, saudade, expectativa, aprendizado e esperança de um futuro melhor para os familiares de Gustav Stutzer em Blumenau.*

*No final do ano de 1886 sua família retornou à Alemanha para reassumir a direção do "Theresienhof", uma casa de repouso que era de sua propriedade.*

*Assim, com a publicação destas cartas encerramos um ciclo de informações do cotidiano de Blumenau no séc. XIX.*



**Teresa Stutzer**  
1841-1916

---

\* Traduzido por Annemarie Fouquet Schünke.



Den 8. Juli 1886.

... Du klagst über Einsamkeit und hast wohl recht damit. Wie einsam lebst Du dahin! Was wollen wir da sagen, wo wir uns doch selbst genug sein sollten! Weißt Du, was hier so peinlich auf uns lastet? Die Unmöglichkeit, fort zu kommen. Man kann reisen, aber mit was für Strapazen ist es verbunden, und mit was für Geldopfern! Vor Deiner Tür hält der Bahnzug; Du kannst fast stündlich fort, wenn Du willst. "Wir sitzen hier in der Mausefalle", klagen die Kinder. Es ist so enge und so ängstlich! Wer an der See wohnt, hat es darin besser. In Itajahy, wo wir die Schiffe kommen und gehen sahen, fühlten wir uns Deutschland so sehr viel näher. Der "Progresso" bringt uns die Möglichkeit der Verbindung 2 mal Wöchentlich in's Bewußtsein, und ich kann Dir sagen, wenn ich seinen Pfiff höre, durchzittert es mich noch jetzt. - Wenn ich so darüber nachdenke, was es wohl eigentlich ist, was uns hier belastet: - ein undefinirbares Etwas - der Mangel an geistigem Leben. Uns selbst unbewußt haben wir die geistige Luft drüben geatmet. Jetzt umgiebt uns der Materialismus. Drüben lebt man von der Vergangenheit für die Zukunft; hier lebt man nur der Gegenwart. Vergangenheit hat das Land noch nicht. Für die Zukunft braucht Niemand zu sorgen. Sitte, Recht, Herkommen, alte Ueberlieferungen, alles umgiebt den Deutschen drüben wie freundliche Gehilfen. Die Steine drüben erzählen Dir Geschichten, die alten Bäume drüben rauschen Dir halbvergessene Sagen - Poesie umflutet Dich, Dir selbst unbewußt - und hier? - Der Nutzen ist ja allerdings nützlich - aber wenn der Hauptfactor alles Handelns die immer wieder kehrende Frage ist: "Macht es auch Rechnung?" und Dir dieselbe überall entgegentritt, so wirst Du traurig. Kann man nicht auch in dieser Beziehung des Heilands Wort anwenden, daß der Mensch nicht von Brot allein lebt? Gehört nicht doch zur Entwicklung des Menschen auch "das Schöne", worunter ich Alles begreife, was unsern höhern Sinn anregt und befriedigt, dem Geiste und Gemüt Nahrung giebt? Ich weiß nicht, ob ich mich damit Dir verständlich gemacht habe. Das soll nicht heißen, als gäbe es hier keine tüchtigen guten Leute!

Ich bin nicht blind für die traurigen Verhältnisse drüben, wo der Kampf um's Dasein sich in oft erschreckender Weise vor unsern Augen abspielt. Hier siehst Du den Kampf nur die Natur auskämpfen. Geh in den Urwald und Du siehst ihn verkörpert vor Dir. Aber weißt Du wohl, daß auch das für mich etwas niederdrückendes hat? Drüben hat überall der Geist des Menschen der Natur seinen Stempel aufgedrückt. Keine Handbreit Erde, kein Baum im Walde kann drüben verleugnen, daß Gottes Befehl, im Paradiese den



Blumenau, 8 de julho de 1886.

Com certeza tens razão em te queixares da solidão, pois vi-ves muito só. Que diremos nós, que precisamos nos contentar apenas co-nosco. Sabes que a impossibilidade de viajar realmente nos incomoda. Podemos fazê-lo, mas com muito sacrifício e com gastos bastante eleva-dos. Tu podes viajar quando quiseses, pois o trem passa de hora em hora em frente à tua casa. As crianças se lamentam dizendo: “nós aqui estamos presas numa ratoeira”. Tudo é tão acanhado e temeroso, mas aqueles que moram à beira mar estão numa situação bem melhor. Quando estávamos em Itajaí, vendo os navios chegarem e partirem, nos sentíamos mais perto da Alemanha. O “Progresso” vem duas vezes por semana, e posso te afirmar que quando escuto seu apito ainda estremeço, porque ele é o nos-so meio de comunicação com a pátria. Fico pensando o que tanto nos aflige, é um sentimento vago....mas é a falta da vida cultural. Lá, incons-cientemente respirávamos cultura, enquanto aqui o materialismo nos cer-ca. Na Alemanha se vive do passado para o futuro. Aqui se vive o pre-sente, porque o país ainda não tem um passado e ninguém precisa se pre-ocupar com o futuro. Costumes, direitos, origem, velhas tradições, tudo isto são atributos que fazem parte da vida dos alemães. Lá as pedras te contam histórias, as velhas árvores sussurram lendas já quase esquecidas, a poesia te envolve sem que percebas... e aqui? O lucro com certeza é útil mas, se o fator preponderante de toda atividade apenas visar este as-pecto e a única preocupação for o lucro, isto nos entristece. Em relação a isto poderia se empregar as palavras do Salvador: “nem só de pão vive o homem”. Afinal, para o desenvolvimento do ser humano é necessário o sentido do belo, sob o qual entendo tudo aquilo que eleva nossos sentidos e que alimenta o espírito. Eu não sei se pude me fazer entender. Isto não significa que aqui não existam boas pessoas.

Não consigo deixar de ver a situação triste de lá, onde a luta pela sobrevivência se desenrola de maneira assustadora aos nossos olhos. Aqui se observa a luta da natureza, e isto se percebe ao entrar na mata. Sabes que até isto me deixa deprimida. Lá o espírito do homem impri-miu seu cunho à natureza. Nenhum palmo de terra, nenhuma árvore da floresta, pode negar que a ordem de Deus, a qual foi dada ao homem



Menschen gegeben, die Erde sich untertan zu machen voll erfüllt sei. Hier herrscht noch die Natur in ungezähmter Kraft, unbezwungen. Ich kann mir denken, welcher Reiz für einen Mann darin liegen muß, diese Aufgabe zu erfüllen. Als wir hieher kamen, ich schrieb Dir's ja, sah ich nichts wie wilde Wüstenei. Jetzt, wo sich meine Augen an die ungeheure Ueppigkeit der Natur gewöhnt haben und das Bild der abgegrenzten Felder, der in Reihen gepflanzten Bäume von drüben in meinen Gedächtniß matter geworden ist, jetzt sehe ich auch hier die Arbeit des Menschen und fange an, sie zu respectieren. Aber es sind das Stellen wie Oasen in der Wüste. Ich war auf der Spitze unseres Aipimberges. Wir sahen hin über Hügel und Fluß und Tal. Alles grüner Urwald, so weit das Auge reicht. Hier und da stiegen Rauchsäulen auf: helle Flammen loderten gen Himmel, es wurden neue Roças gebrannt. Wir gejubelten den Feuerschein und hatten nur den einen Wunsch, daß er doch aller Ecken und Enden sich erheben möchte, auf daß doch bald dies so überaus reich gesegnete Land den Menschen aufgeschlossen würde, und freundliche Dörfer, Heimstätten glücklicher, sorgenfreier Menschen, sich da erheben möchten, wo jetzt noch in ungestörter Ruhe der Affe haust . . .

Den 6. Oktober 1886

... Die Meinen sitzen alle noch draußen auf der hohen, weißen Kirchentreppe der katholischen Kirche. Wir haben heute einen so wundervollen Tag gehabt, und er ist noch jetzt so schön, daß ich nur wünsche, es möchte mir gelingen, Dir in Etwas ihn vor die Seele führen zu können. Aber ich fühle mich unfähig dazu und arm an Worten. Und wäre ein tüchtiger Maler heute hier gewesen und hätte gesehen, was ich gesehen habe, er suchte vergebens in seinen Farbentöpfen, und es gelänge ihm nicht, die Pracht der Natur, der Farben, des Lichtes und Glanzes auf seine Leinwand zu bannen.

Wir waren Nachmittags zum hiesigen Pfarrer gelanden. Die evangelische Kirche liegt, wie die katholische, auf einem Hügel. Man sieht von da aus weit hin über Berg und Tal, über Fluß und Stadtplatz. - Wir wurden freundlichst begrüßt; der Pfarrer aus Badenfurt mit seiner Frau war auch unter uns. Wir fanden den Tisch gedeckt unter Palmen, vor der Kirchtür. Da setzen wir uns; die Jugend spiele wir Alten besprachen dies und das, tranken Kaffee und Chocolate, aßen Kuchen und gingen umher. Ich löste mich ab und ging



no paraíso para subjugar a terra, foi plenamente realizada. Aqui ainda impera a natureza indômita. Imagino que seja atraente para um homem poder cumprir esta tarefa. Conforme te escrevi, quando aqui chegamos tudo o que se via era sertão. Agora que meus olhos se acostumaram a esta exuberância, a lembrança dos campos demarcados, das árvores plantadas em fileiras, já não estão mais tão vivas, e consigo ver e respeitar o trabalho do homem daqui. Mas isto é como um oásis no deserto. Estivemos no topo do morro do Aipim, e avistamos os morros, o rio e o vale. Até onde a vista alcançava era mata virgem. Havia fumaça aqui e acolá, as chamas ardiam contra o céu, eram roças novas que estavam sendo preparadas. Rejubilamo-nos com a fogueira, e nosso maior desejo era que houvesse outras tantas, para que esta rica e abençoada terra fosse desbravada e surgissem agradáveis vilas e abrigassem pessoas felizes e despreocupadas, onde por ora os macacos tranqüilamente habitam.....

6 de outubro de 1886.

Os meus ainda estão sentados na escadaria branca da igreja católica. Hoje tivemos um dia maravilhoso e ainda continua sendo. Espero conseguir descrevê-lo e assim tocar teu coração, mas não encontro palavras e me sinto incapaz para fazê-lo. Se um pintor talentoso tivesse estado hoje aqui e visto o que eu vi, com certeza procuraria em vão as cores em sua palheta, pois não conseguiria colocar em sua tela toda beleza da natureza, suas cores, seu brilho e sua luz. Esta tarde havíamos sido convidados para a casa do Pastor. A igreja evangélica, como a católica, está situada num morro, e de lá se avistam os morros, o vale, o rio e o Stadtplatz. Fomos muito bem recebidos e o Pastor de Badenfurt, acompanhado da esposa, também estavam presentes. A mesa foi servida à sombra das palmeiras defronte à igreja. Então nos sentamos, e enquanto tomávamos café ou chocolate, comíamos bolo e conversávamos, as crianças brincavam. Eu me afastei e fui ao cemitério, que se encontra numa



allein auf den höher liegenden Kirchhof. Ich werde die Stunde nie vergessen! Da saß ich einsam unter einer hohen Palme, zwischen Gräbern der alten Kolonisten aus allen Gauen Deutschlands. Die Krone der Palme säuselte leise, die Lilien, die hohen weißen Lilien umdufteten mich, leise wehte ein weicher Wind und trug die Töne des Harmoniums, das meine Kinder in der Kirche spielten, in dem Liede "Harre meine Seele" an mein Ohr. Die Tränen tropften mir aus den Augen - ich weiß nicht, ob vor Heimweh? Und es tauchten zwei andere Kirchhöfe vor meinen Augen auf. Der Kirchhof auf der Düne in Helgoland! Da liegt er auch, einsam, mitten im wilden Meer, umrauscht und umtost von den Wellen; so einsam! - und ich gedachte an den einsamen Kirchhof oben in Hahnenklee, dem abgelegenen Harzorte - mitten im Tannenwalde und weiten Wiesen, so still so einsam!

Und dieselbe Sonne bescheint sie alle! Und derselbe Herrgott sieht sie Alle, die da schlafen, und wird sie Alle erwecken . . .

Wir waren noch lange zusammen. Die Abendschatten senkten sich hernieder, in unbeschreiblicher Pracht versank die Sonne hinter den Hügeln. Der Mond erstrahlte in seinem hier so weißen Lichte, Leuchtkäfer umschwirrten uns, die Sterne glänzten am Firmament in herrlichen Farben, die Palmen säuselten leise, leise rauschte der Fluß von ferne - ich kann es nicht beschreiben.

Als wir zu Haus kamen, erklang aus der katholischen Kirche der Abendgesang: "Ora pro Nobis". Er sang unser Kindchen in den Schlaf. Und jetzt sitzen meine Großen und mein Mann oben auf der Kirchentreppe und singen auch: "Ora pro nobis". Sie singen alle unsere alten deutschen Lieder - sie singen sich das Heimweh vom Herzen herunter . . .



elevação. Jamais esquecerei este momento. Ali eu estava sozinha, sentada debaixo de uma palmeira, entre as sepulturas dos antigos colonos, oriundos de todas as regiões da Alemanha. As copas das palmeiras balouçavam e os lírios..., ah! o perfume dos altos lírios brancos me envolvia, e uma leve brisa trazia os sons do harmônio ao meu ouvido. Minhas filhas tocavam o hino “Harre meine Seele”<sup>1</sup>. As lágrimas escorriam pela minha face e eu não sei se era de saudades... Então dois outros cemitérios vieram à minha mente: o de Helgoland sobre as dunas, que se encontra num lugar ermo, em meio ao mar tempestuoso, e o de Hahnenklee, uma vila isolada no Harz, onde o cemitério está num lugar remoto, em meio à floresta e campos.

E o mesmo sol ilumina a todos, e o “Senhor” ressuscitará os que lá dormem. Ainda permanecemos juntos durante muito tempo. Era a hora do crepúsculo, o sol se pondo atrás das colinas de maneira esplendorosa e indescritível. A lua resplandecia em sua luz branca, os vaga-lumes voavam à nossa volta, e as estrelas brilhavam no firmamento com suas magníficas cores, as folhas das palmeiras sussurravam, e ao longe o rio murmurava..., eu nem consigo descrever tudo isto.

Quando chegamos em casa soava o canto da noite, “Ora pro nobis”, vindo da igreja católica e ao som deste hino nossa pequenina adormeceu. Agora minhas filhas e meu marido estão sentados na escadaria da igreja cantando também “Ora pro nobis”. Eles cantam todas as antigas canções alemãs... eles cantam para aliviarem a saudade de seus corações....

---

<sup>1</sup> N.T.: “Harre meine Seele” - “Oh! Minh’ Alma Espera”

**Roupa de  
Missa**

Texto:

*URDA ALICE  
KLUEGER\**

Saí na rua na manhã de domingo. Blumenau é uma cidade que fica vazia aos domingos: se é verão, está todo o mundo na praia; se não é verão, está todo o mundo dormindo, curtindo a ressaca do churrasco ou do baile da véspera. Mas, apesar do seu ar de cidade abandonada, sempre há uns corajosos que se aventuram a andar na rua nas manhãs de domingo, e eles me chamaram a atenção.

Como se anda na rua, hoje, nas manhãs de domingo? Assim neste tempo de outono, os trajes variam da bermuda ao agasalho, do chinelo ao tênis. Eventualmente, vê-se uma velhinha em trajes chiques, na certa indo para a missa, e essas raras velhinhas me fizeram viajar no tempo, fizeram com que eu revivesse as manhãs de domingo do começo da minha vida, quando todas as manhãs de domingo eram manhãs muito solenes.

Na minha infância, e no começo da minha juventude, domingo era dia de ir à missa. E ia-se à missa na maior estica, usando-se a melhor roupa que se tinha, com sapatos pretos muito bem engraxados, ou sapatos brancos recém-pintados de Nugget. Naquele tempo, tinha-se os vestidos de andar em casa, os vestidos mais-ou-menos, e os vestidos de ir à missa. Na época, as roupas masculinas eram totalmente sem graça e sem imaginação. Todos os homens usavam camisas brancas engomadas e calças de casemira azul-marinho com vinco - de maneira que nem lembro como eram as roupas dos meninos, mas nós, meninas, arrasávamos nas cores e nos modelitos. Vestido de missa era coisa séria,

---

\* Escritora e membro da Academia Catarinense de Letras.



estar muito engomado e muito bem passado, e armado por toda uma coleção de anáguas de bordado inglês cheias de goma. Na saída da missa, na hora do pacote de pipoca semanal, as meninas ficavam se exibindo umas para as outras, contando, sob a barra do vestido, quantas barras de rendas de anáguas que cada uma tinha - quantidade de anágua era questão de status.

Nessa época, lá no começo da década de 60, minha tia Frieda, que vivia na fantástica cidade do Rio de Janeiro e que uma vez por ano viajava para Santa Catarina (ainda me lembro quando ela vinha do Rio de Janeiro de navio), trouxe, para mim e minhas irmãs, a última novidade em moda: anáguas de um material novo, que ficavam armadas sem necessidade de goma, cobertas de riquíssima renda de nylon, um arraso total para se usar, e, principalmente, para exibir às outras meninas na hora do pacote de pipoca semanal.

Eu adorava aquelas roupas rebuscadas e complicadas, aquelas roupas de ir à missa. Ainda na década de 60, porém, a moda começou a mudar. Surgiram fibras novas, a primeira delas sendo o nycron. Minha mãe, adepta das novidades, não titubeou: passou a vestir-nos de nycron e ban-lon, roupas que não precisavam ser engomadas, e sequer passadas a ferro. Por algum tempo, foi empolgante usar saia plissada de nycron e vestido de nycron, mas, para mim, aquilo logo perdeu a graça. Tinha saudades das roupas rebuscadas, complicadas e engomadas; sonhava com vestidos de organdi cheios de babadinhos, enquanto tinha que usar aquelas roupas de vanguarda, aquele chatíssimo vestido de nycron cor-de-rosa para as missas de domingo, mas isso é outra história, coisas do meu gosto pessoal.

O fato é que as pessoas do começo da minha vida vestiam-se de festa a cada manhã de domingo. As mulheres usavam suas sedas e suas jóias; os homens usavam seus chatos ternos pretos ou azul-marinhos - a caminho da igreja, ou dentro dela, todos comportavam-se com a maior urbanidade possível, e cada manhã de domingo era uma festa solene, onde se via a melhor cara da sociedade onde se vivia.

Os tempos mudaram, as pessoas mudaram, a sociedade mudou. Eu, pessoalmente, acho que tudo mudou para melhor - vivemos, desde lá, grandes mudanças, a partir da filosofia que veio com o movimento hi-



ppie. Acho que hoje somos menos preconceituosos, menos hipócritas, menos preocupados com a opinião dos vizinhos. Achei legal, hoje, ver como as pessoas se vestem informalmente nas manhãs de domingo, como curtem com liberdade seu dia de lazer, seu dia sem as pressões do trabalho que garante o pão nosso de cada dia. As pessoas andam soltas e livres com seus chinelos e suas bermudas, sem a exibição da quantidade de anáguas, sem a opressão das golas e colarinhos cheios de goma. Sou totalmente favorável a esse novo modo de se vestir descompromissadamente nas manhãs de domingo, mas que deu uma saudadezinha do tempo em que se tinha as roupas de missa, ah! Isso deu!



**Nos anos 60, a década inicia com grande movimento social. A confeitaria Socher é o ponto de convergência da sociedade local. E, a Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes apresentava nos seus tradicionais bailes de debutantes as meninas-moça que ingressavam na sociedade blumenauense.**



**Blumenau  
rumo ao  
Sesquicente-  
nário de  
Fundação**

---

**Carta  
aos Pais e  
Parentes  
(23/9/1846  
e 05/8/1848)**

Texto:

*DR. HERMANN  
BRUNO OTTO  
BLUMENAU\**



**Carta No. 09**

(sem data ou local)

Provavelmente Rio, 23 de setembro de 1846.

Caro Götter!

Rapidamente algumas palavras! Há oito dias enviei-lhe uma carta com outras duas dentro, que espero, as tenha recebido. Anexo agora várias cartas e resina de palmeira ou carnaúba, desta última pegue cerca de 1/3 e junte à cartinha que fechará com lacre para o Dr. Herzog, mas não mais que 1/3. O restante envie, com as cartas para Sturz e Wenzel, depois que você lacrou bem com o brasão (emblema), para que não possam ser abertas, principalmente a carta para Sturz. Enrole num jornal e remeta como pacote, bem fechado para o endereço de Wenzel.

Se quiser leia as cartas, então recoloque-as no envelope, depois lacre.

A primeira folha da carta a Wenzel pode deixar o Dr. Herzog ler, mas ele precisa devolver no mesmo dia para despachar as cartas – assim você pode ter uma idéia de como me encontro – Na carta para Sturz exagerei um pouco, mas foi preciso, eu o tenho mais na mão do que ele a mim, Mas seja discreto e não comente assuntos importantes que possam prejudicar-me com estranhos e fofoqueiras de língua solta. Se não conseguir ler, compre um pincel e um pouco de goma arábica,

---

\* Natural da Alemanha - Hasselfelde, fundador da Colônia Blumenau em 02/9/1850.

Tradução: Edith Sofhia Eimer e Valéria Mailer.

dilua em 2 partes de terebintina e passe sobre a folha e as letras surgirão claras e precisas.

Agradeceria muito se você mandasse copiar por alguém, a meus custos, a carta para Sturz, bem como o relatório, para que futuramente possam servir para mim como comprovante, o que é sempre bom. Mas este copiadador precisa ser um homem discreto ou um bobalhão que não entenda do que se trata. Seria horrível para mim se alguém copiasse talvez as cartas para si e depois as passasse adiante. Ele deveria escrever portanto em sua casa ou sob a supervisão de alguém. Talvez Heinrich fizesse isso. Dê lembranças a ele, e você daria a ele para ler o que achasse conveniente. Mas precisa ser logo para que a carta não sofra atraso. Se encontrar alguém confiável, faça-o, lacre a carta e envie tudo a Wenzel.

Minha composição foi publicada pelo professor Wäppaus de Gottingen com observações, Livraria Leipzig Hinrichs'sche. Mas acredito que Sturz tomou para si a autoria principal. Leia e se encontrar críticas sobre ela escreva para mim.

No próximo domingo escreverei mais uma carta, a última este ano. As cartas de vocês recebi e fiquei muito contente. Mas nada da mãe e como está a Minna. Pobre Minna! Deus a fortaleça. Dê lembranças minhas a ela. Espero que você ganhe um forte primogênito, talvez já tenha chegado! Meus parabéns.

Adeus. Lembranças a todos,

Seu H. Blumenau

(Anexo um diploma, envie-o ao pai, para que ele veja que sou doutor legítimo. Tenho ainda outros exemplares.)



### **Carta N° 11**

Meu bom e caro Gotter!

Rio, 5 de agosto de 1848.

Passaram-se oito semanas desde que lhe escrevi a última vez de Desterro, uma carta longa das minhas últimas experiências e prometi voltar a dar notícias minhas novamente em quatro semanas. Quatro semanas se tornaram oito e hoje também só posso dizer-lhe algumas palavras.

Faz quatro semanas que estou aqui e ainda não tive tempo de escrever devido a muita confusão e incertezas. Procurei obter ainda mais vantagens relativas à colonização, mas nada consegui, como pode ver através da carta anexa. Peço que leia, grave o seu conteúdo e a envie imediatamente com a carta que lhe enviei em maio para Sturz em Erlangen, onde ainda deverá estar ao recebê-las.

A última contém, muitos assuntos familiares não comprometedores e Sturz conhece bem esta parte como eu conheço a dele, assim ele pode ler para que receba notícias minhas e eu não precise escrever muito mais sobre coisas passadas. A carta de maio seguiu rápido com um navio com destino a Londres e agora já deve ter chegado às suas mãos por intermédio de Schröder. Nela relatei sobre meus trabalhos e resultados e ao mesmo tempo confirmei a letra de câmbio de 2000 moedas de prata (Thaler). Troquei agora por um valor muito bom e recebi 2837 mil réis. Se eu pudesse prever a revolução poderia ter esperado com as 400 moedas de prata (Thaler) e receberia agora 500\$ Rs a mais. Mas quem poderia imaginar isto?

Estou prestes a fazer uma rápida viagem até vocês e estou feliz por revê-los. Peço a você, porém conservar ainda minha vinda em segredo para não preocupar a boa mãe e irmãs com possíveis desgraças ou coisas semelhantes que possam me acontecer. Pois se acontecer alguma tempestade neste meio tempo, a mãe se preocupará terrivelmente. É melhor, portanto, escrever-lhes logo que chegar a Antuérpia (para lá terei que ir com toda certeza), então já estarei em terra firme, ao contrário de



agora quando ainda estou para partir. É possível ainda que algo se interponha nisso, como por exemplo que a lei da terra passe no senado e o governo queira dialogar, então ainda teria que permanecer aqui ou não poderia fazer viagem longa, e nesse caso as mulheres se preocupariam sem motivo. Você nem imagina, meu caro, como me sinto feliz, quando penso em poder abraçá-los, meu coração se enche e quase me falta o ar. Espero que vocês também continuem a gostar de mim como eu de vocês. Temo que me acharão envelhecido e mudado e irão se assustar como estou agora. Os negócios em Santa Catarina e as preocupações me afetaram muito. Mas que vá tudo para o inferno, vocês me acharão bem assim também, e eu posso encarar meu pai honradamente, conforme jurei uma vez numa violenta troca de palavras. Trabalhei muito e passei muitas dificuldades, mas não foi em vão, alcancei alguma coisa e ainda há expectativas de chegar, pelo mesmo caminho, a resultados ainda melhores. A terra que comprei com Hackradt e que deixei a ele em concessão, ainda as 8 milhas quadradas já são alguma coisa. Eu obtenho da propriedade de acordo com nosso contrato 60%, Hackradt 40% e se Hackradt não for nenhum patife, como espero, penso que o negócio renderá alguma coisa. Mas ainda preciso trabalhar muito para iniciar tudo aqui. Tenho aqui e na Alemanha ainda muito o que fazer. Se futuramente não puder dedicar-me convenientemente ao nosso empreendimento, serei forçado a contratar uma pessoa. Mas farei as instalações pessoalmente e iniciarei as fabricações. (Pessoalmente, contarei mais pormenores e muitas outras coisas).

Das 2000 moedas de prata ainda tenho 900 investidos no negócio e incluído ainda 7 Contos de réis, enquanto Hackradt só investiu até agora 1500. Levo ainda uma letra de câmbio dele que lá pretendo trocar. Não comprei mais terras, ainda visava algumas, mas achei o negócio incerto, porque as terras não tinham sido medidas. Ou deixo agora o dinheiro aqui a 6% de juros ou escreverei a Hackradt se ele quer assumir por nós e que venha para cá e com aquele dinheiro que ele ainda tem lá, poderá comprar aqui mais 6 ou 7 negros. Então teremos 11 - 12 e com eles vai mais rápido e contínuo. O dinheiro então terá que estar outra vez a minha disposição no próximo ano. As 900 moedas de prata de Hackradt precisarei na Alemanha para vários aparelhos e outras coisas e para mim mesmo, para o negócio e as viagens que lá terei de fazer de acordo com



as circunstâncias. Acredito que todas as viagens de Santa Catarina para a Alemanha e regresso e tudo que diz respeito a isso, não consiga fazer com 600 moedas de prata, na verdade 250 - 300 moedas de prata espanholas = 375 - 400 moedas de prata. Se tiver que viajar muito na Alemanha, o dinheiro não vai ser suficiente. Mas não tenho outra maneira, nem tão pouco quero. O que preciso, é revê-los todos mais uma vez pois não sei quanto tempo ainda terei meus pais. Além disto tenho muito que fazer e providenciar, que já fico tonto só em pensar. Visitar fábricas de açúcar, carvoarias, fábricas de máquinas e questionar preço de tudo, venda de madeira, comprar drogas e produtos químicos e assemelhados, o mesmo com muitos outros artigos e ainda a colonização. Se puder fazer alguma coisa e for rápido o bastante, então precisarei partir novamente em dezembro ou janeiro através da Inglaterra ou França para Santa Catarina, para estar lá em março e queimar os últimos cartuchos para a colonização.

Uma situação pendente e ainda meu problema de dinheiro; para mandar medir minhas 8 milhas quadradas e preparar a colonização ali, ainda preciso de dinheiro, quanto mais, melhor, independente da grande colonização que não poderei iniciar sem ter muito dinheiro. Para o nosso empreendimento poderia ainda precisar de dinheiro; depois de uma conversa com Hackradt e ele está de acordo que nós, como já lhe escrevi, paguemos 6-8% de juros se pudermos conseguir um capital mais ou menos grande por 5 anos ou mais. Agora me dirigirei primeiro ao meu pai e irei pressioná-lo para que ele assuma o que devo a Julius e me ceda finalmente o que presumivelmente receberei dos bens e colocarei a juros nas mesmas taxas de Julius e apresentarei ao meu pai que é injusto tirar de um filho para dar a outro como por exemplo baixas taxas de juros para Julius e altas para vocês e para mim. Eu gostaria de pagar 4% para o pai e Julius deveria pagar o mesmo também, pois vocês, Gartners e eu precisamos tanto do dinheiro quanto Julius. Se puder receber mais, além do que oxalá o pai me dará, então aceitarei com taxas de juros mais altas, pois aqui receberei para a hipoteca mais segura 12 - 18% e receberei com isso no meu próprio negócio pelo menos 25%, onde não há especulações e riscos. Veja se você pode preparar um pouco o terreno para mim. Eu lhe agradeceria.



Sobre o que você quer saber de mim relativo à imigração, não direi nada agora, mas sim pessoalmente. Se não realizar nenhuma grande colonização, onde puderem se juntar com certeza um número de famílias cultas, então não aconselho a transferir-se para cá com mulher e filhos habituados à vida civilizada. Eles serão privados de muitas coisas e não se adaptariam à vida aqui, dificultando a vida do marido e sentindo-se infelizes. Mas se estiverem aqui uma ou duas dúzias de famílias cultas, pode-se manter comunitariamente padres, professores, médicos e outros, mandar as crianças para uma boa educação, aí é outra coisa e há consolo. Eu preciso procurar mais uma sociedade de ações com o propósito de realizar a colonização ou senão que me consiga muito dinheiro.

Agora adeus! Meu velho Gotter, dê lembranças a todos que me são caros. Seu irmão fiel,

H. Blumenau

N.B. Não envie mais para cá livros e continuações de obras iniciadas.



### *Bertha Blumenau*

Em Braunschweig, na Alemanha, desaparece a 31 de outubro de 1917, a Sra. Bertha Blumenau, viúva do fundador da cidade, Hermann Blumenau.

Nascida em 22 de outubro de 1833, era filha de Georg Repsold, diretor de uma fábrica de instrumentos astronômicos.

Hermann e Bertha Blumenau casaram-se em Hamburgo, na Alemanha, em 21 de março de 1867 e tiveram 4 filhos: Pedro - nascido na Alemanha, Christina, Gertrudes e Otto, nascidos no Brasil.

Chegou a Colônia Blumenau em 23 de novembro de 1869, onde estabeleceram-se numa residência no centro da Colônia.



**Cultura e  
Identidade  
dos  
Descendentes  
de Alemães:  
uma  
Identidade-  
Problema?\***

Texto:

SÁLVIO  
ALEXANDRE  
MÜLLER\*\*



Um dos temas mais explorados pela atual Antropologia, é o da "Identidade", ou seja, quais as estruturas psico-sociais que cimentam os sentimentos de pertença grupal pelos quais nos identificamos pessoalmente como sendo "brasileiros", "alemães", "franceses", "xokleng", "chineses", etc.. Esses processos de identificação são bastante complexos e exigem dos antropólogos esforços bastante intensos. Um dos antropólogos clássicos nessa área a nível mundial, Emílio Willems, alemão de nascimento e de formação acadêmica, tendo morado em Brusque, onde foi mestre-escola, depois um dos fundadores da USP em 1934 e mais tarde professor na Universidade de Columbia-NY, escreveu um estudo considerado clássico de título "A Aculturação dos Alemães no Brasil - estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil". Tive a enorme satisfação de conhecê-lo pessoalmente e assisti uma palestra sua na FURB em 1977. Outro bom exemplo é o de Giralda Seyferth, antropóloga professora da UFRJ, doutora pela USP e pesquisadora do Museu Nacional, nascida em Guabiruba, e que, no rastro de Willems, estuda os fenômenos de identidade étnica dos descendentes de imigrantes alemães no Vale do Itajaí.

Dedico-me a estudar a "brasilidade" enquanto experimentada e vivida por esses mesmos imigrantes alemães e seus descendentes. Descobri que o problema visto desse ângulo oferece uma visão explicativa mais abrangente dos fenômenos culturais que ocorreram aqui no Vale do Itajaí. Como foi possível que grupos e pessoas "diferen-

---

\* Antropólogo e historiador.



tes" pudessem se constituir em uma sociedade tão bem sucedida? Afinal, somos, ou não somos "brasileiros"? Se somos, a que título, sob que razões? Na brasilidade, qual o lugar da "diferença"? ou somos todos iguais?

O assunto é polêmico; provoca muitas discussões e toca num ponto delicado dentro de nós e nos causa incômodo. Sentimos necessidade de nos orgulhar de nossas origens, ao mesmo tempo que, em certas ocasiões, gostaríamos de esquecê-la por nos evocar experiências desagradáveis. Temos a impressão que ser brasileiro implica em ser menor, em não ter atingido a maioria entre tantos outros que parecem tê-la conseguido.

O que nos faz comungar desses sentimentos de inferioridade? Aparentemente, nada nos faltaria nesta terra abençoada, calorosa, hospitaleira e muito rica. Talvez, preferiríamos que fosse outra, que fôssemos outros?

Para responder a essas dúvidas, proponho essa reflexão sobre nossas origens, tentando refazer nossa história de brasileiros, buscando uma unidade originária que nos fundamente com firmeza.

O Brasil é uma "terra nova". Não num sentido comum, de ser uma terra sem história, sem tradições, sem um passado de que nos orgulhemos. O Brasil é uma terra nova no sentido mítico, uma terra recriada, uma nova construção do espírito. Toda a América pode ser vista assim, como uma recriação a partir dos sonhos e utopias da velha Europa, muito semelhante ao que aconteceu nos tempos heróicos a um grande Homem, cuja história vou agora contar.

Enéias, herói troiano, quando da derrota de seu povo, os troianos, recebe por missão re-fundar sua cultura em terra distante. Numa longa e dolorosa viagem, através do Egito e de Cartago, aporta finalmente no Lácio (Itália). Casou-se com a filha de um dos reis locais, mas, esse fato não representou o fundamento da nova sociedade. Enéias levou junto seu velho pai, Anquises, que, vindo a falecer, teve seu corpo sepultado no ventre da nova terra, **tornando-se esta, a partir desse ato sagrado, a nova pátria de Enéias.**

O que fez deste ato sagrado um ato fundador? O cadáver de um homem, mesmo que herói? Temos que ir mais a fundo para entender o verdadeiro significado dos atos simbólicos. Se Enéias tivesse emigrado



somente com seus companheiros, sua nova morada careceria de sentido, pois Enéias, em si mesmo, nada é. O que faz de qualquer um de nós uma pessoa humana são os valores que ganhamos de nossos maiores, de nossos antepassados, gloriosos ou humildes, mas, que por sua experiência concatenada ao longo das gerações, dão-nos sentidos, um destino construído de e por significados.

Quando me denomino de brasileiro, te-lo-ei de fazer no sentido de Enéias, enquanto que neste novo solo, enterrei meus antepassados e dei um destino a mim mesmo e a meus filhos. Esse destino fui buscá-lo na velha terra dos meus antepassados, na velha Europa, a cultura-mãe; em nosso caso, na Alemanha. Mas, poderá ter sido também na Itália, na Espanha, na França, em Portugal. Nosso pai, nossa mãe, nosso passado europeu, é lá que devemos encontrar o último sentido de nossa brasilidade.

Situado assim, então posso fundamentar a minha identidade de brasileiro nos valores que me foram legados pelos meus antepassados. Mas, poderão os senhores questionar-me: "são tantas as origens dos brasileiros; como ordenar isso?"

Minha resposta é que isso é sorte do Brasil, que se funda assim numa gama muito maior de riqueza humana, multiforme e variada. Isso recorda-me um texto dos Atos dos Apóstolos, que se refere ao Pentecostes cristão, em que uma multidão de gente proveniente de todas as partes do mundo conhecido passaram a se entender numa mesma língua, a linguagem do amor (cfr. Atos, cap.2).

Em todos os casos, pretendo demonstrar como esses valores fundam nossa identidade de brasileiros através do exemplo dos imigrantes alemães, pois isso nos toca diretamente.

Dentro do universo de uma cultura dada, a língua é o conjunto simbólico mais significativo. Nesse sentido, conservar a língua-mãe é o sinal mais claro de fidelidade à tradição fundadora. Simbolicamente, a língua é o verdadeiro Anquises, pai-mãe que trago comigo para a nova terra.

Não é por acaso que uma das palavras mais caras a esses imigrantes em sua língua-mãe, mais carregada de emoção e sentidos, foi "Heimat". Existem nas várias línguas palavras assim, mais plenas, mais



evocativas do próprio espírito de uma cultura. E os significados por trás dessa palavra servem muito bem ao que tenho a dizer.

Assim a define um provérbio alemão: "*Heimat ist, wo unsere Toten schlafen und ihre Gedanken wachen*" (*Pátria é onde nossos mortos dormem e seus pensamentos velam sobre nós*). Mas, perguntamo-nos, como se deu isto, se nossos antepassados ainda dormem na velha *Vaterland*? Sabemos que a terra dos pais foi deixada para trás. Entretanto, trouxeram nossos imigrantes a *Heimat*, pois esta veio no coração. É representada pelos valores mais profundos e caros, aqueles valores que nos dão uma *identidade*, dão-nos os sentidos de vida portanto, mais do que tudo, um destino.

Quando se diz, pois, que pátria está onde dormem nossos antepassados, no nosso caso está se afirmando que os mesmos estão sepultados em nossos corações. Este é o túmulo, *cova* como dizemos em nosso linguajar cotidiano, aquela mesma cova onde plantamos as sementes, onde enterramos as mudas do futuro. Não podemos transplantar a *Vaterland*, mas trazemos junto ao coração a *Heimat*, porque nosso coração é o essencial do que somos.

Por isso, a nós, teuto-brasileiros, sempre se nos foi tão cara a cultura, a ponto de lutarmos por ela mesmo contra muitas adversidades, mas, principalmente por lutarmos contra o esquecimento. A amnésia, essa é a maior desgraça que nos pode acontecer, porque, por ela, perdemos *os pensamentos que velam por nós*. A perda da memória cultural, ao nos desligar de nossos valores fundadores, desliga-nos *ipso facto* de nosso destino, impedindo-nos de fundar a nova pátria.

Esquecemo-nos de nossa origem? Talvez ainda não totalmente. Mas, o processo histórico muitas vezes levou-nos a caminhar na direção de um "esquecimento induzido", sugerindo um esconder meio envergonhado de nossas origens. Devemos nos referir aqui, mais detidamente, a esse fenômeno psicológico que ocorre entre os grupos sociais, a latência por certo período a que são relegados fatos, acontecimentos e valores com suas cargas emotivas por motivos externos. Freud tratou desse assunto de forma muito boa em "Moisés e o Monoteísmo". Freud afirma que, mais cedo, ou mais tarde, porém, esses fatos, acontecimentos e valores reprimidos voltam à tona, alimentados que foram subterranea-



mente por uma *tradição* depositada no inconsciente, ao mesmo tempo que foram reprimidos por um movimento contrário externo a nós mesmos.

O que devemos notar é que valores muito fortes, grandemente carregados de energia, retomam seu lugar ao sol, ou seja, na consciência de um grupo humano, mesmo que reprimidos energicamente, mesmo que se obstruindo suas vias normais de manifestação por muito tempo, por algumas gerações.

Como Enéias, trouxeamos *nosso velho pai*, ou seja, nossos valores e costumes, enterrado profundamente em nossos corações. Por vários motivos, ligados ao próprio processo de colonização e a movimentos político-ideológicos ocorridos no mundo e no Brasil, alguns desses valores foram reprimidos, ou tiveram de assumir outras formas, além da própria ação transformadora do tempo com suas novas experiências. Lembremo-nos da "campanha de nacionalização" que nos proibiu o uso da língua-mãe. É preciso, pois, despender contínuo esforço de reavivar a memória, não só como saudade, mas principalmente como força do Destino glorioso, cheio de realizações e promessas.

Vamos agora olhar um pouco mais de perto esses valores contidos nessa palavra "Heimat". É preciso lembrar também que nem tudo é glorioso só por ser fundador de uma civilização. Existem aspectos de nossa cultura de origem que foram e mesmo devem ser inseminados pelos valores positivos da brasilidade. Vejamos.

Um dos valores característicos de nossos antepassados vindos da Alemanha especialmente rural foi seu apego ao local de nascimento. Esse apego sentimental à sua aldeia natal é expressão forte na palavra "Heimat", ou "Heimatland". O apego em si ao torrão natal de forma alguma foi exclusivo do alemão. Isso é mais ou menos uma característica genérica dos grupos familiares humanos. O que, a meu ver, seria próprio, é o caráter sentimental expresso em poesia, canto e outras expressões folclóricas. Ainda mais: a vinculação pessoal (no sentido de individual) aos aspectos físicos da aldeia, dos campos e rios ao seu redor, de bosques e montanhas. "Heimat", pois, remete primeiramente à vida rural local, provinciana, e à uma harmonia do indivíduo com um mundo culturalmente construído dentro de uma tradição que valorizava o tempo negativamen-



te, enquanto uma entidade maléfica, terrível, que destrói o corpo, a juventude e o próprio vigor espiritual. Já os antigos gregos, também indoeuropeus como os germanos, simbolizavam claramente essa negatividade do Tempo através do mito de Cronos, o devorador de seus filhos.

Nesse sentido, "Heimat" possui conotação profundamente diversa do conceito romano de "Terra Pátria" (*Vaterland*), terra dos pais. Para o romano, a pátria tem um sentido eminentemente religioso, ou seja, aquele campo que contém os ossos dos antepassados. Essa terra santa ligava o romano às suas origens divinas, portanto remetia-o constantemente ao nascedouro ("Natio" - nação, em latim significava "ninhada"; tem a mesma raiz de "nati" - nascer). O sentido do tempo era, pois, profundamente diverso do romantismo alemão. Para o romano, tratava-se de renovar a experiência, reviver a energia divina que promanava dos antepassados.

Dentro do que denominei "Romantismo alemão", "Heimat" podia esconder, ao contrário, o desespero do tempo que passou, impossibilitado completamente de retornar, da experiência já vivida e, portanto, perdida, bem retratada em várias canções: "Dort unten in der Mühle", "Schön ist die Jugend", "Nun ade, du mein lieb'Heimatland" e muitas outras.

A emoção vinculada à "Heimat" é, pois, o sentimento da felicidade-paraíso da infância perdida irremediavelmente para a dureza do presente e a completa incerteza do futuro. Antes de mais nada, "Heimat" foi a expressão da saudade do passado rural frente ao processo de modernização inelutável por que passou a sociedade alemã do século XIX.

Sabemos, entretanto, que a maior exigência decorrente do processo de humanização é exatamente largar o paraíso da animalidade instintiva em direção à labuta cultural. O mal-estar é inerente ao processo cultural como resultado do cerceamento do princípio de prazer pelo princípio de realidade. O "vale de lágrimas" da teologia cristã, que atravessamos "gementes et flentes" (gemendo e chorando), é o lugar da construção cultural, do erguimento e da grandeza das coisas espirituais. O futuro é o lugar da conquista e o presente é sua vereda. O passado é o lugar da segurança materno-animal e o presente é sua saudade.

Forçados a se moverem por um processo cultural de extrema



força e violência, os alemães do século passado, incluídos, pois, os que para aqui imigraram, choravam o seu passado camponês, idilizado em harmonia natural, para mitigar as dores da construção da modernidade. Os que aqui chegaram, ao contrário do que se poderia imaginar, não procurariam reconstruir o paraíso - e isso pelas próprias dificuldades imensas de um meio completamente desconhecido - mas, movidos pelo mesmo impulso expresso no símbolo da "Heimat", acabaram por se lançar no seu projeto de modernidade. Ou seja, extraíram dessa saudade a energia necessária à construção do novo, proveniente do próprio sentimento de perda contido na saudosa "Heimat".

No entanto, historicamente, os imigrantes alemães daqui sofreram um duplo recalque: o primeiro, já visto, expresso pelos sentimentos da "Heimat" deixada para trás; o segundo, pela pressão do novo meio social, ao ter de negar a sua germanidade. O processo de repressão, pois, chegou a exercer-se de forma muito direta e exacerbada. No entanto, o reprimido sempre retorna, ou na forma de sintomas neuróticos, ou em forma de um novo impulso realizador.

Não há dúvida que muitos indivíduos pertencentes à nossa comunidade teuto-brasileira apresentaram sintomas de não-assimilação adequada ao impacto da repressão. Podemos mesmo dizer, embora sem respaldo em pesquisas mais profundas, que essa mesma comunidade apresenta ainda hoje alguns traços desagradáveis como seqüelas desse processo. Mas, de modo geral, encontramos formas socialmente bem palatáveis. O que quero afirmar com isso?

Primeiramente, os aspectos infantis, a busca do paraíso perdido, da "Heimat" primeva, foram substituídos por um forte apego ao próprio Brasil. Isso explica-se pela re-elaboração da "germanidade", não mais referida à "Heimat" originária, mas à própria história local. Dificilmente, em termos afetivos nos remetemos hoje aos nossos antepassados alemães, mas sim àqueles apenas que aqui se estabeleceram, criaram raízes e se expandiram. Esses pioneiros constituíram-se em nossos "Pais Fundadores", para usar uma expressão primeiro romana, depois americana. Existe a consciência de uma "germanidade" brasileira, uma verdadeira "Heimat" brasileira diferenciada historicamente de outras quaisquer. Essa "germanidade" incorporou mesmo os aspectos básicos da "brasilidade",



como a criatividade, o "jeitinho", até o próprio bom-humor.

O "retorno do reprimido" portanto, deu-se em termos de um nível ético mais elevado; portanto, de formas de ação coletiva construtiva, acentuando assim a impulsão civilizadora. O melhor exemplo disso temos na modernização e industrialização peculiar em muitas regiões de colonização alemã no Brasil.

De outro lado, temos notícia de outras comunidades germânicas que decaíram em direção oposta, refugiando-se num tradicionalismo estéril pelo qual o valor "Heimat" transformou-se num retorno neurótico ao infantil, à busca do "paraíso perdido", uma volta ao instintual materno. Mas, não é a regra, mas sim, verdadeiras exceções. Na maioria das comunidades de origem alemã que conhecemos os valores contidos no sentimento da "Heimat" traduziram-se em belíssimas realizações culturais, justificando-se, assim, de forma inegável o cultivo dessas tradições.

Isso implica que somos brasileiros por esses mesmos traços, mesmo com sotaque no linguajar, ou não; com biotipo um pouco diferente, ou não; mas, antes de mais nada, brasileiros que carregam em si um ideal humano magnífico, uma cultura elevada legada pelos nossos antepassados alemães. Por isso, não se trata de segregar, separar, mas de preservar um destino que importa muito ao Brasil como "nova Pátria", continuação da velha "Heimat". Não só engrandecemos o Brasil economicamente, mas acrescentamo-lhe o colorido e o sentimento forte de nossos cantos e danças e, antes de mais nada, com nossa forma particular de exercer nossa existência. O Vale do Itajaí, por exemplo, ou o Vale do Rio dos Sinos, ou qualquer outro rincão, fica impregnado desse nosso característico romantismo, tornando-se essas regiões para outros brasileiros muito agradáveis de se visitar e mesmo de se viver.

Para nós todos, pois, ser brasileiro é antes de mais nada ser fiel depositário de uma tradição rica e plena de potencialidades. Para nós, ser brasileiro implica também em dupla obrigação: guardar religiosamente o legado de nossos antepassados, por ser essa a sua contribuição, e, de nossa parte, o desenvolvimento das potencialidades culturais contidas nesse legado.

Essa é a nossa brasilidade, o sermos nós mesmos, fiéis às nossas raízes. Não uma fidelidade estática, morta, mas fidelidade ativa,



transformadora, mãe de um futuro pleno de realizações.

Não separar, não segregar, mas, ampliar, engrandecer, enriquecer culturalmente esse grande Brasil, que, em outros tempos, soube acolher com razoável carinho nossos antepassados imigrantes.



**Primeiros imigrantes blumenauenses - 1867**

*Esquerda para direita:* **Gustav Spierling, Carlos Friedenreich, Dr. Bernardo Knoblauch (médico da Colônia), Carl Meyer, Hans Breithaupt (agrimensor), Pastor Oswaldo Hesse, Carl Wilhelm Friedenreich (veterinário e parteiro), Victor Gaertner (sobrinho do Dr. Blumenau) e Hermann Wendeburg (Vice-diretor da Colônia).**



**Historiografia  
Catarinense  
da Revolução  
Federalista**

Texto:

*JALI  
MEIRINHO\**



A produção historiográfica catarinense relativa à Revolução Federalista no Estado pode ser considerada parcimoniosa. Por isto este estudo pretende ser mais abrangente, incluindo além de obras específicas, as fontes que permitem o aprofundamento do tema. O critério foi selecionar estes componentes como contribuição para o conhecimento da conjuntura política, em que o movimento esteve inserido. Na abordagem incluímos artigos, a literatura, os jornais da época, manuscritos e documentos existentes em arquivos, a tradição oral que, inclusive, serviu de roteiro para a realização de um documentário cinematográfico.

**A Historiografia**

Carlos da Costa Pereira foi o primeiro autor catarinense a apresentar uma reflexão mais alentada sobre o quadro político<sup>1</sup>. Realizando exaustiva pesquisa na imprensa federalista e republicana, interpreta a realidade política na terra barrega-verde, desde a Proclamação até o ano de 1894.

Historiador autodidata, seu trabalho apresenta embasamento metodológico. Preocupou-se com a heurística, analisando documento apócrifo que visava incriminar Floriano Peixoto como autor da ordem para o fuzilamento dos federalistas aprisionados em Desterro. O livro de Costa Pereira foi editado dez anos após seu falecimento.

---

\* Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica.

<sup>1</sup> PEREIRA, Carlos da Costa. **A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Governo do Estado, 1976.



Uma interpretação sobre o governo rebelde, que se estabeleceu na Ilha de Santa Catarina contra o governo constitucional da República, coube a Carlos Humberto Corrêa<sup>2</sup>. Nesta contribuição pioneira, o autor procura particularizar aspectos significativos deste movimento que tomou conta da cidade de Desterro por sete meses, e manteve um governo opondo-se à ordem legal.

O caso dos fuzilamentos foi motivo de séria investigação de Carlos Humberto Corrêa. Revolvendo documentos, chegou a constatar que elevado número de mortes, apontadas por outros autores, não pode ser levado em conta, visto que muitos nomes constantes de listas como fuzilados, tempos após apareceram vivos.

Trata-se de análise que esclarece a complexidade de diretrizes que norteavam as lideranças que se conjugaram para derrubar o poder central. Procura explicar o ideal de Silveira Martins contrastando com governo militar de Guilherme de Lorena, sugerido por Custódio de Melo. Não aborda a suspeição de separatismo que teria motivado a participação de Gumercindo Saraiva, e o monarquismo de Saldanha da Gama. Conclusão lógica, admite que o fracasso desta rebelião ocorreu face ao conflito ideológico e à disputa pelo poder que caracterizam o início da República brasileira.

Nos clássicos da historiografia catarinense, Lucas Alexandre Boiteux<sup>3</sup>, Oswaldo Rodrigues Cabral<sup>4</sup>, Walter Fernando Piazza<sup>5</sup>, escrevendo história geral do Estado, encontramos capítulos sobre o fato, mas reduzidos ao limite de obra mais generalizada.

---

<sup>2</sup> CORRÊS, Carlos Alberto. **Militantes e Civis num Governo sem rumo: o Governo Provisório Revolucionário de Desterro, 1893-1894**. Florianópolis, UFSC/Lunardelli, 1990.

<sup>3</sup> BOITEUX, Lucas Alexandre. **Notas para a História Catarinense**. Florianópolis: Livraria Moderna, 1912.

<sup>4</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: SEC/Laudes, 1979

<sup>5</sup> PIAZZA, Walter. **Santa Catarina - Sua História**. Florianópolis: Ed. UFSC/Lunardeli, 1983.



Estudando os primeiros dez anos da República em Santa Catarina<sup>6</sup>, utilizamos documentação sobre a qual comentaremos mais adiante. No capítulo sobre 1893 e 1894, abordamos o processo político-partidário, com a criação do Partido Federalista Catarinense, o golpe contra o governo constitucional do Lauro Müller e as atribuições de três governadores que se sucederam na chefia do governo estadual e revolução.

Estudo singular o Poder Judiciário neste período coube a Tycho Brahe Fernandes Neto<sup>7</sup>. Sintetiza a organização do Tribunal de Justiça a partir da República e centra o ensaio no conflito entre este e o Executivo. O Governo de Manoel Joaquim Machado ordenara a prisão dos republicanos em Blumenau, liderados por Hercílio Luz. Como o Tribunal julgasse ilegal esta ação, o Governador simplesmente dissolveu a Corte de Justiça, criando uma nova com desembargadores de sua confiança. Desembargador que é, o autor trata do assunto com profundo conhecimento, reproduzindo todas as peças do processo, concluindo pela arbitrariedade cometida.

O desenrolar da revolução no interior do Estado foi visto por José Deeke<sup>8</sup>. Agrimensor e diretor da Colônia "Hansa Hamonia", escreveu "Die Revolutionsjahre". O original em alemão foi traduzido por José Ferreira da Silva, sob o título "Blumenau e a Revolução de 1893".

Residente em Blumenau, Deeke acompanhou os acontecimentos políticos, naquela cidade, desde a reação antifederalista, liderada por Hercílio Pedro da Luz em julho de 1893, até a passagem por ali das tropas de Gumerindo Saraiva e, depois, as legalistas, de Pinheiro Machado.

O autor colheu depoimento oral de seu irmão Fides Deeke, que participou do grupo de hercilistas, que a 31 de julho de 1893 tor-

---

<sup>6</sup> MEIRINHO, Jali. **A República em Santa Catarina (1889-1900)**. Florianópolis: Ed. UFSC/Lunardelli, 1982.

<sup>7</sup> FERNANDES NETO, Tycho Brake. **Um julgamento histórico**. Florianópolis: Ed. FCC, 1980.

<sup>8</sup> DEEKE, José. **Blumenau e a Revolução de 1893**. In: **Blumenau em Cadernos**, Tomo IX, nº 11/12, nov/dez, 1968.



nou o Palácio do Governo, na capital. Documenta seu trabalho com notas dos jornais em língua alemã, que à época circulavam na cidade, o "Imigrant", folha federalista, e o "Blumenau-Zeitung", ligado aos republicanos.

Trata-se de uma rara abordagem ao movimento revolucionário no interior do Estado, particularmente com relação a Blumenau, que nas primeiras horas foi o principal centro de resistência legalista do Estado.

A outra de Lycurgo Ramos da Costa<sup>9</sup>, que o fez com referência a Lages, no seu "Continente das Lagens". Seu enfoque limita-se a narrativa da passagem dos batalhões de Gumercindo Saraiva e Pinheiro Machado.

Análise recente sobre o movimento, em Itajaí, é de Edison D'Avila<sup>10</sup>. Analisando notícias dos jornais e a documentação existente no Arquivo Público de Itajaí, reconstitui os fatos e as implicações políticas no município.

## LITERATURA

Na literatura, Almiro Caldeira de Andrada<sup>11</sup>, dedicado ao romance histórico regional, reporta-se ao período mais crítico da revolução entre setembro de 93 e abril de 1894. De família federalista, o autor utilizou a tradição oral, procurando incriminar os florianistas, pintando um crime de terror quando da retomada da capital catariense pelos republicanos.

---

<sup>9</sup> COSTA, Lycurgo Ramos da. **O Continente das Lagens: Sua História e Influência no Sertão da Terra Firme**. Florianópolis: FCC, 1982.

<sup>10</sup> D'AVILA, Edison. **A Revolução Federalista de 1893 em Itajaí**, Itajaí(SC): Fundação Genésio de Miranda Lins/Arquivo Público de Itajaí, 1993.

<sup>11</sup> ANDRADA, Almiro Caldeira de. **Ao Encontro da Manhã**. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, s/d.



### A IMPRENSA

No período revolucionário, circularam em Santa Catarina 12 jornais. A efervescência política fazia florescer a imprensa partidária. Daí estes jornais constituírem fontes úteis para o conhecimento dos fatos.

Abstraía-se a parcialidade do jornal partidário. Para isto auxiliam os procedimentos de heurística, da crítica e externa.

A Biblioteca Pública de Santa Catarina possui preciosa hemeroteca, com títulos raros, que datam de 1850, com os mais importantes jornais até os nossos dias.

Dos anos de 1893 e 1894, são as seguintes as coleções:

**O Estado** - Órgão do Partido Federalista Catarinense, fundado a 4 de novembro de 1892. De circulação diária, com 4 páginas, publicava os atos oficiais do Executivo e a súmula dos trabalhos legislativos nos períodos de convocação. Embora não traga expediente, sabe-se que era dirigido por Arthur Ferreira de Melo. Deixou de circular a 12 de abril de 1894, quando chegou ao fim o domínio federalista.

**Jornal do Comércio** - Diário de propriedade de Martinho Calado. Embora não fosse partidário, tinha ligação com os federalistas. Chegou a publicar atos oficiais e não sobreviveu após 1894.

**República** - Jornal do Partido Republicano Catarinense. Não circulou no período de predomínio federalista: setembro 1893/abril de 1894. Contendo editoriais inflamados e bom noticiário, nos dá o posicionamento dos republicanos nas fases imediatamente pré e pós-revolução.

**A Legalidade** - Semanário que circulou de setembro a dezembro de 1893, em São Bento do Sul. Propriedade do médico José Maria Wolff, defendeu o governo florianista. Deixou de circular, quando, em dezembro de 93, Wolff foi atuar como médico militar junto às forças legais, sediadas na cidade paranaense da Lapa.



### FONTES PRIMÁRIAS

Manuscritos inéditos, da Coleção Boiteux, acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, são os de autoria de Duarte Schutel.

Médico, político e literato, Schutel era catarinense formado no Rio de Janeiro, militante do Partido Liberal, foi deputado provincial e geral. Como jornalista dirigiu a folha liberal "A Regeneração", até 1889.

*"A Republica no Brasil vista do meu canto ou escritos diversos, inéditos, que poderão servir, ou não, para auxiliar a História deste Estado hoje, antiga Província de Santa Catarina"*, foi como o autor intitulou estes manuscritos. São observações pessoais sobre o quadro político estadual e nacional, abrangendo os anos de 1892 e 1900, contidas em cerca de 400 tiras com grafia legível.

A parte do nosso interesse refere-se aos anos de 1893 e 94. Aqui o autor manifesta o seu desencanto para com o regime republicano, assim se referindo: "regime desacreditado, que passados 4 anos não restituiu a normalidade política ao país. "Testemunha daqueles dias, Schutel oferece subsídios para a compreensão dos seguintes pontos:

- Formação do Partido Federalista Catarinense.
- Governo Federalista no Estado.
- A Revolução em Santa Catarina.
- Vitória dos Legalistas e os fuzilamentos.

Com referência a este último tópico, são ricas as informações quanto ao clima de terror que tomou conta da capital catarinense. Nesta parte encontramos elementos que desmistificam o comprometimento de Floriano Peixoto com relação as atrocidades cometidas contra os vencidos. Para Schutel, tratou-se de iniciativa do comando republicano local. Como autor das atrocidades ele aponta não o Coronel Antônio César, mas seu Chefe de Polícia, Tenente Manoel Belorophante de Lima.



Outra documentação, existente no IHGSC, por nós utilizada, parcialmente, foi deixada por Cristóvão Nunes Pires.

Militante do Partido Conservador como deputado provincial, Nunes Pires foi um dos fundadores do Partido Federalista em 1891. Em 1892, foi eleito 2º Vice-Presidente do Estado, assumindo o exercício da presidência em agosto de 1893. Neste cargo, facilitou a tomada da Capital pelos revoltosos da Armada. Isto resultou na junção do movimento da Marinha com os federalistas e na instalação do Governo provisório da República, chefiado pelo capitão-de-mar-e-guerra Frederico Guilherme de Lorena.

A documentação está assim dividida:

- Telegramas enviados ao Presidente do Estado, dando conta da movimentação de tropas revolucionárias pelo interior.

- Manifesto, manuscrito e não publicado, de Cristóvão Nunes Pires. Trata-se da peça mais importante. Este manifesto foi redigido, em março de 1894, quando Nunes Pires, pressionado pelos seus próprios correligionários, foi compelido a deixar o Governo para que assumisse o titular Tenente Manoel Joaquim Machado. Este estava afastado da presidência, desde julho de 1893, por decisão judicial. Fora acusado de mandante do seqüestro e deportação do líder republicano Victorino de Paula Ramos.

Este manuscrito revela o desentendimento reinante entre os federalistas, no momento em que a resistência revolucionária já fraquejava. Diz Nunes Pires: "Fui deposto por um correligionário meu sem competência legal. Amanhã quando S. Exa. não puder satisfazer às exigências dos politikeiros o será também pela mesma forma que eu fui."

- Cartas de Nunes Pires aos seus familiares. Trata-se de correspondência, em código, trocada por Nunes Pires e seus parentes, após a derrota federalista. O autor achava-se homiziado em local que, ainda, não pudemos identificar. De lá, escrevia aos seus, com frequência. O código está para ser decifrado. Só então poderemos estudar melhor este material.



### TRADIÇÃO ORAL,

Passados cem anos, ainda sobrevive em Florianópolis a tradição oral em torno de mitos gerados pelo imaginário que a revolução suscitou. Famílias tradicionais, particularmente federalistas derrotadas, foram passando às gerações futuras suas interpretações pessoais, evidentemente de maneira parcial, mas, de qualquer forma, induzindo a pistas por onde o historiador possa enveredar para chegar próximo a uma visão imparcial.

A esses estudos, a historiografia e fontes aqui enunciados, somam-se outros títulos, que não devem ser tomadas como omissão, mas pelo limite do espaço para apresentação. São obras e artigos cuja relação figura na bibliografia em anexo.

A pretensão foi a de indicar alguns caminhos ao pesquisador que pretender aprofundar o saber, discutir o assunto e sua complexidade dentro da história política.



**Federalistas em Blumenau**



### Referências Bibliográficas

- BARROSO, Gustavo. A execução do Barão de Batovi. In: **O Cruzeiro**, 25 de agosto de 1956, Rio de Janeiro.
- BLUM, Heitor. Traços biográficos do Coronel Emílio Blum. In: **Anais do I Congresso da Revolução Federalista de 1894**. Curitiba, 1944.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. **Pequena História de Santa Catarina**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1920.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Santa Catarina**. (Coleção Brasileira) São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1937.
- KONDER, Alexandre. **Os Halifax**. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1952.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raymundo. O Dia em que o Brasil fuzilou 3 franceses. In: **Enciclopédia Bloch**, Rio de Janeiro, maio, 1970.
- MEIRINHO, Jali. **Datas Históricas de Santa Catarina: 1500-1985**. Florianópolis: UFSC/Assembléia Legislativa, 1985.
- MELO, Custodio José. **O Governo Provisório e a Revolução de 1893**. 2 vols, São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.
- MIRA, Crispim. Como se degolava e fuzilava. In: **Terra Catarinense**. Florianópolis, 1920.
- MURICY, José Candido da Silva. **A Revolução de 1893 em Santa Catarina e no Paraná**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1946.
- ROSA, José Vieira da. Combate dos Conventos: Marcha da Divisão Centro ate Tubarão. In: **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**, vols. VI e VII, Florianópolis, 1917-1918.
- TOLENTINO, Alvaro. A fuga do Tenente Machado. In: **Anuário Catarinense**, Florianópolis, 1948.



### Hotel Gross

Texto:

*SIEGFRIED  
CARLOS  
WAHLE\**



O Hotel Gross estava situado à Rua 15 de Novembro, ao lado da loja de secos e molhados de Hermann Hering de um lado, e por outro lado, tinha como vizinho o Depósito de Tabaco que tinha uma fábrica de charutos anexa, pertencente a família Rotbart. O prédio do hotel ficava recuado aproximadamente 4,00 m em relação ao prédio da loja de secos e molhados. Na frente do Hotel havia uma área cercada por uma sebe viva, que oferecia uma certa privacidade. No interior da área havia uma mesa com cadeiras para 10 pessoas. O Hotel Gross era uma combinação de hotel e pensão, estritamente familiar. Sempre havia hóspedes permanentes, geralmente casais. O hotel possuía um bem montado bar. A mesa da área externa era usada como mesa reservada (Stammtisch).

A frequência desta mesa era exclusivamente constituída por diretores e funcionários graduados da Cia. Hering que se reuniam semanalmente às terças feiras à tarde, para um churrasco e cerveja. Raramente eram convidadas pessoas estranhas, e quando, tratava-se geralmente de visitantes comerciais que vinham de fora. A única pessoa estranha que tinha acesso livre era Alfredo Carvalho, que dominava com fluência, tanto o idioma português como o alemão, e, era filho de criação e genro do ex-superintendente municipal de Blumenau, Paulo Zimmermann. Alfredo Carvalho era uma pessoa muito animada, que trazia vida àqueles encontros.

Numa destas reuniões discutiu-se a possibilidade de subir de automóvel a escadaria da Igreja Matriz.

---

\* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.



Alfredo Carvalho, um grande entendedor de automóveis agarra-va-se à opinião de que era perfeitamente possível. Decidiu-se pela tentativa. Em companhia de dois componentes da mesa foram à Cia. Moellmann, agente da marca Chevrolet, e obtiveram por empréstimo, um carro tipo Chevrolet-Pavão para esta tentativa. Marcou-se o dia e a hora numa terça-feira à tarde, convidando o fotógrafo Baumgarten para que fosse documentado fotograficamente. Conforme fotografia existente, houve certa aglomeração de pessoas, tanto na rua como nos lados da escadaria. Foram feitas várias tentativas, mas o carro somente conseguia atingir a quarta parte da escadaria. O desapontamento foi geral. O carro foi devolvido à agência Chevrolet. Analisando o fracasso, Alfredo Carvalho chegara a seguinte conclusão: com rodas muito estreitas e um carro muito leve não havia aderência suficiente entre as rodas e as quinas dos degraus, fazendo com que as rodas girassem em falso.

Não foi fácil convencer aos ocupantes da mesa para uma nova tentativa. Certo dia, Alfredo Carvalho conseguiu o seu objetivo para mais uma experiência. O único carro disponível em Blumenau que servisse a essa finalidade era um Studebaker, representado pela firma Roberto Grossenbacher. O Sr. Roberto Grossenbacher, muito acessível, concordou em ceder o carro para a experiência. Este carro era 50 % mais pesado, possuía rodas mais grossas, um motor mais possante, e quatro marchas para frente. Logo na primeira tentativa, sem alarde, sem fotógrafo e sem assistência, o carro subiu as escadarias, silencioso e com facilidade. No topo da escadaria estavam somente Percy João de Borba, Luiz Medeiros e Siegfried Carlos Wahle, que eram as únicas testemunhas oculares que viram o carro entrar no adro, virar para direita, contornar a igreja e tornar a descer a escadaria de frente. Em seguida, Alfredo Carvalho foi direto à casa Grossenbacher, entregou a chave do carro e dirigiu-se ao Hotel Gross, onde foi recebido com entusiasmo, fazendo jus ao churrasco e à cerveja.

Na época corriam notícias, ter havido elevadas apostas na mesa. Entretanto isto foi desmentido. Pelo contrário, falou-se que Alfredo Carvalho nada ganhara pela sua proeza. Existe uma fotografia da primeira tentativa com o automóvel Chevrolet-Pavão que não conseguiu subir a escadaria. Na última tentativa, bem sucedida, não havia curiosos, como não houve testemunho fotográfico.



As reuniões de todas as terças-feiras no Hotel Gross, deixaram de se realizar com o início da Campanha de Nacionalização, quando foi proibido o uso da língua alemã, pois as reuniões eram conduzidas nesta língua. O único que tinha o domínio e fluência das duas línguas era Alfredo Carvalho, embora os outros também tivessem o domínio, mas faltava a fluência.



**Alfredo Carvalho** numa das várias tentativas  
para subir as escadarias da Igreja Matriz.

**Foto Baumgarten - 1930**



**Questões  
Sobre o  
Corpo e a  
Saúde**

*No dia 27 de agosto de 1892, o Dr. José Bonifácio da Cunha, através de seu procurador Felipe Doerk, apresentou no Paço da Interventoria Municipal um “Arbitramento” contra a Câmara Municipal representada por seu então procurador Paulo Schwarzer. Através deste, vinha requerer o médico Bonifácio da Cunha o pagamento de seus honorários referentes a quatro meses e sete dias de trabalho no “Hospital de Blumenau”.*

*A audiência que se realizaria neste dia, teve que ser adiada pelo não comparecimento do procurador da Câmara Municipal. Passados pouco mais de 30 dias, se reuniram os mesmos em nova audiência no Paço Municipal. Paulo Schwarzer alegou irregularidades cometidas pelo procurador de Bonifácio da Cunha e a audiência foi encerrada.*

*A descrição dos “serviços prestados” que abaixo segue, foi escrito pelo próprio Dr. José Bonifácio da Cunha, sendo possível ao leitor conhecer não apenas as próprias práticas de intervenção sobre o corpo como a própria “linguagem médica” então utilizada. Esta descrição foi retirada da coleção de processos judiciais do AHJFS (Cx. 1, doc No. 77, p.2,3 e 4), com o objetivo de propiciar, além de entretenimento ao leitor, a possibilidade de abertura de novos campos à pesquisa\*.*

---

\* Texto selecionado por **Marlon Jeison Salomon** - Mes-  
trando PPG e História. Pesquisa sobre a constituição dos  
espaços e a racionalidade embutida nos Projetos de Colo-  
nização do século XIX



“Ilmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca de Blumenau.

A Juramento, como requer.

Blumenau, 22 agosto de 1892

Silvério de Freitas

Diz o Dr. José Bonifácio da Cunha, médico pela Faculdade de Medicina da Bahia, que havendo tratado dos doentes recolhidos ao Hospital desta vila de Blumenau, por espaço de quatro meses e sete dias, com particularidades que em seguida descreverá, quer agora o suplicante fazer proceder a um arbitramento de seus serviços, uma vez que a Intendência Municipal, responsável pelas despesas do Hospital, recusa-se a satisfazer-lhe seus honorários.

Atendendo às reservas impostas pelo segredo profissional resume-se o seu serviço do seguinte modo:

Doente A ... 1º com vegetações na vulva e entrada da vagina, operada com seis sessões, com anestesia local, tratamento consecutivo de cerca de um mês, com várias sessões de cauterização, exames e tratamento interno.

O doente B ... 2º com hemiplegia consecutiva a derrame cerebral, paralisia das sphincteres e dejeções involuntárias no leito, exames e visitas sempre sob uma atmosfera fétida. Tratamento sem resultado por mais de quatro meses.

Doente C ... 3º com ferimento produzido por instrumento cortante no terço inferior da face externa da perna direita, lesando ramificações importantes da artéria tibial. Primeiro tratamento imperfeito, extravasamento sangüíneo pelos tecidos, formação de saco aneurismal difuso nos tecidos adjacentes até o pé. Cicatriz viciosa dilacerando-se de vez em quando, dando lugar a várias hemorragias. Recolheu-se dois meses depois da contusão, com anemia profunda, após quatro hemorragias graves. Exaltação nervosa, depauperamento acentuado, fazendo sérias preocupações para os órgãos respiratórios. Edema de toda a porção inferior da perna e dorso do pé, sutura de ferida mal consolidada. Injeções de solução de perclorureto de ferro. Diminuição e depois desaparecimento das pulsações. Edema persiste. Formação de largas phlicterias. Tratamento antiséptico compressivo. Ruptura das flicterias - Tegumentos caem esphacelados por gangrena limitada à área das vesículas. Grande hemorragia por diversas aberturas. Intervenção imediata com abertura completa dos sacos. Esvaziamento da cavidade cheia



de grandes coágulos (sufato adema). Trabalho inaudito para ligar vazão na ferida, sem resultado. Impossível prolongar situação em pessoa fraca e não anestesiada, aplicação de tampão antiséptico obliterando completamente a cavidade. Formação de largo fleumão em toda porção superior da perna. Esvaziamento e drenagem comunicando-o com a antiga cavidade. Supurações abundante. Eliminações de aponevroses e tecidos mortificados. Tratamento antiséptico rigoroso com irrigações diárias feitas pelo próprio médico. Cura depois de cerca de dois meses de tratamento. Necessitando repetir as visitas no mesmo dia.

Doente D ... 4º com enorme ferida contusa na frente, convulsão cerebral. Sutura, curativo antiséptico, tratamento interno, melhora e cura ao fim de onze dias.

Quatro doentes mais, cujos cuidados resumem-se em simples visitas e exames, distribuídos a um, 8; a outro, 28; a outro 17; a outro, 32; ou 85 visitas que reunidas às 218 visitas feitas a outros doentes, dão um total de 303 visitas, sem levar em conta operações, curativos e visitas extraordinárias, que contando-se a dois mil réis, por que sempre cobre, dão a importância de 606\$000 (seiscentos e seis mil réis).

Tendo a acrescentar que durante sete anos trata doentes recolhidos ao Hospital desta villa, nunca teve contrato e nem foi estipulado preço das visitas, tendo a Diretoria sempre deixado ao seu critério. Cobrou sempre os seus honorários pelo preço ordinário da clínica particular. Hoje, visto o aumento geral que há de preços, aumentou o preço de suas visitas médicas para três mil réis e que entretanto não fez para com as do hospital que cobrou ainda a dois mil réis.

Nestes termos, pois, o suplicante,

Pede a V. Sa. que se digne mandar que passados os trâmites da lei se intime a Intendência Municipal, na pessoa do seu procurador, para na primeira audiência deste juízo vir nomear e aprovar perdas que arbitrem os honorários do suplicante, sob pena de serem aprovados à sua revelia os que forem apresentados por parte do suplicante.

E. R. M.

Blumenau, 22 de agosto de 1892  
José Bonifácio da Cunha"







## Bildbericht Imagens

### Imagens Fotográficas no Cenário da Pesquisa

Texto:

CRISTINA  
FERREIRA\*



No mês de julho, publicamos a identificação da fotografia da capa - **Família Radünz** - que se efetuou mediante circulação da Revista “Blumenau em Cadernos” entre seus leitores e simpatizantes.

O Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” possui várias fotos não identificadas em seu acervo e em função disso, passaremos a promover a divulgação dessas imagens através de uma seção chamada “Bildbericht - Imagens”, no intuito de que alguns leitores possam reconhecer os espaços e indivíduos que compõem os retratos de nosso acervo.



### Família Hemmer Revelação negativo de vidro

\* Historiadora e professora da FURB.

<sup>1</sup> LEITE, Miriam Moreira. Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica. São Paulo: Editora da USP, 1993. p.87.



No mundo atual, olhar fotografias do passado não é uma prática comum, porém se nos desafiarmos a realizar tal tarefa, a curiosidade alimentará nosso espírito em busca da vida resguardada na imagem do passado.

O documento iconográfico, em especial a fotografia, é uma informação de cenários, personagens e fatos, podendo ser considerada como uma fração da realidade ocorrida.

A fotografia fala por si mesma, revela imagens ao vivo, cujos detalhes permitem buscar interpretações e reconstituições ambientais, possibilitando inúmeras abordagens nos vários campos do conhecimento. Atualmente, os documentos escritos estão ganhando novos aliados na construção da pesquisa histórica, através da exploração de outros vestígios como fonte de pesquisa. Aqui nos referimos aos registros visuais, representados pelas artes plásticas, a fotografia, a gravura, o filme e o vídeo. É exatamente nestes novos canais que alimentam a motivação da pesquisa em novas fontes, que a fotografia encontrou o seu espaço.

Acervo: Arquivo Histórico



**Imagem não identificada**



O hábito de tirar fotografias para registrar um momento que estava congelado no passado, exerce a função de proteção contra o tempo, *“pois a fotografia se torna um substituto mágico do que o tempo destruiu; na comunicação com os outros e na expressão de sentimentos; na autoidentificação, o prestígio social conquistado pela proeza técnica, pela realização pessoal na distração ou jogo e/ou evocação da memória evanescente.”*<sup>1</sup>

Dentro desta perspectiva de utilização da fotografia como fonte de pesquisa para historiadores, cientistas sociais, antropólogos, museólogos e áreas afins, o **Arquivo Histórico de Blumenau** vem dinamizando seu acervo fotográfico, com o objetivo de estabelecer vínculos com a comunidade e proporcionar novos subsídios à pesquisa.

O acervo fotográfico do *Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”* constituiu-se através doações efetuadas pela comunidade blumenauense e instituições variadas.

Inicialmente era composto de aproximadamente 3.000 fotos, e hoje compõe-se de 40.000 fotografias, entre originais e reproduções; 20.000 negativos de acetato e 382 negativos de vidro.

Através destas fotografias pode-se fazer um estudo da vida cotidiana das famílias de imigrantes que para cá vieram no século passado, da importante influência feminina na vida blumenauense, dos diversos aspectos dos casamentos, da postura das crianças, bem como da importância da família para seus membros.

A coleção é quase inteiramente composta por retratos frontais, com o olhar dirigido para a objetiva. Pode-se constatar que não é toda a vida que é fotografada. A fotografia é resultante de uma escolha, de uma ocasião ou de um aspecto das relações da família que, habitualmente, vem afirmar a continuidade e a integração do grupo doméstico. A maioria delas representa grupos de pessoas, e muitas incluem crianças, ou diversas gerações, captando a imagem da linhagem familiar, às vezes, com grande solenidade.

A fotografia anônima possui particularidades próprias, é única e geralmente encontrada sem legenda ou dedicatória, enfim, sem **palavras** que possam exprimir seu significado. Portanto, exigem do espectador aprender pelo olhar, a sentir e captar dados através de sinais e indícios, a



usar sua intuição e concentrar-se em levar o invisível ao domínio do visível<sup>2</sup>.



### Retrato desconhecido

Ao leitor da Revista “Blumenau em Cadernos”, lançamos um curioso e difícil desafio, aventurar-se a descobrir o significado das imagens que a partir de agora publicaremos!

---

<sup>2</sup> LEITE, Miriam Moreira. Op. Cit. p. 164.



**Aristocrata  
no “Projeto  
Esperança”**

Texto:

*THEOBALDO  
COSTA  
JAMUNDÁ\**



## **1. O Alemão Victor von Gilsa**

Pensar que foi um capitão como qualquer um, ou que foi apelidado de capitão, por exercer liderança popular, não identifica o capitão de artilharia Victor von Gilsa. - Quando em 1857 chegou para a “KOLONIE BLUMENAU” (Adulto com 36 anos) já participara na guerra contra a Dinamarca (1848-1851) sendo jovem criatura de 27 anos, e na prestação de serviço à Prússia. Provou-lhe a competência, naquela guerra, a distinção honorífica: “Cruz de Ferro” conferida pelo Schleswig-Holstein.

*Também já portava a dignidade de participação no contingente da Legião Estrangeira de Alemães (1851), no qual comandou quatro baterias: foi um capitão de artilharia com 30 anos, no lado brasileiro na Guerra contra Rozas.*

## **2. Professor de primeiras letras**

Aristocrata nas raízes, militar na profissão, o aceitar ser professor de crianças, naturalmente, autodidata, entende-se ter significado de prestação de colaboração cívica e altruísta.

Já com mãos calejadas por ferramentas agrícolas e com 44 anos ingressa no contingente de Voluntários da Pátria. E sem surpresa é aclamado seu comandante. E foi com os de Blumenau e de Joinville funcionar na “Guerra da Tríplice Aliança” (popularmente, chamada do Para-

---

\*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.



guai). E nela consumiu seus anos de vida naquele período de 1865 a 1867. Não é correto não avaliar-se que, as experiências nas guerras significaram algo que não deixou escrito: elas entranharam-se nas suas origens aristocráticas. E pouco se sabe sobre o nobre antes de ser militar, e sobre o militar antes de ser proprietário de lote praticando agricultura de subsistência, na “Kolonie Blumenau”.

A carência de informação sobre o capitão von Gilsa, é carência originada no desinteresse que teve em não romancear-se para a posteridade: dir-se-ia que viveu satisfeito e disciplinado na vida bucólica que escolheu aqui.

*Sem favor e sem equívoco Victor von Gilsa, é impar. Veja-se que está entre os legionários alemães “BRUMMER”=“REZINGÕES”.* E dizem as informações daqueles tempos, que pressões econômicas empurravam a aristocracia germânica para a carreira militar: aprecie-se o cap. Von Gilsa, na Legião mencionada, sendo camarada dos infantes: comandante von der Heyde, major von Lemmers, capitão von der Marwitz, conde von Herberg, tenentes von Breitenbach, von Class e von Roczkowski, alferes von Wedelstedt e von Kalden.

Quando a mesma já em dissolução, num contingente dela e na guarnição de Rio Pardo, RS., é encontrado o cap. Von Ehrenkreutz. E as informações de Albert Schmid dizem ainda que, na Guerra do Paraguai uma bateria de atuação destacada (na banda brasileira) sabida como manobrada por voluntários alemães contou com a competência de oficiais artilheiros, originários daquela Legião, foram eles: von Resswitz, Schimmelpfennig, von der Oye e o barão von Zach e nem faltou aristocrata na graduação de sargento chamado Guilherme von Steuben.

*E aqui não estão todos os aristocratas contemporâneos de von Gilsa naquela Legião:* entre os sapadores eram encontrados o barão von Riesenfels; comandando a Artilharia montada, foi conhecido o ten. Cel. Von Held e o seu subcomandante major von Brockenhaus.

### 3. Capitão: - Seu tempo passou ...

Quem entender que as aristocracias germânica, flamenga, eslava e outras, estavam atacadas de inquietação, quando o Dom Pedro II, preci-



sou de voluntários para formar legião militar e usá-la contra Rozas: não está equivocado. Os interessados apareceram como se avaliassem os convites como meios alternativos para mudanças.

E um exemplo entre tantos, é o capitão de artilharia Victor von Gilsa. E foi um protótipo: militar com experiência de guerra avaliada pela Prússia. Ele e muitos outros menosprezaram o risco natural, na preferência de ser investimento virtual na esperança de vida nova fora da Europa. - Ir para guerra que não é da própria pátria, ou inscrever-se na emigração para desconhecida parte do mundo. Foram alternativas para centenas de pessoas da nobreza européia. Mas Victor von Gilsa tem a mais o ter funcionado com professor autodidata de crianças. Dir-se-ia que tal funcionamento foi atendimento aos interesses dos que precisavam de um professor para os filhos. Por isso ou por aquilo os imponderáveis fizeram do capitão-artilheiro, o que fazer quiseram. Vamos ler umas linhas do seu romance: já estava no processo de assimilação com contados oito anos e pressionado pelo desnivelamento cultural de militar com oficialato para um pequeno agricultor de clima temperado plantando para comer.

Vivendo no telão de sonho ouviu e viu que chegara (outra vez) a vez de ir para outra guerra. E com a elevada dignidade de ser comandante do contingente dos “VOLUNTÁRIOS ALEMÃES” reunidos em Blumenau e Joinville. Ter a certeza de voltar a viver em outra guerra: oxigenava-lhe se ver na importância indimensionável; outra vez conviver com artilheiros, canhões, cavalos tão disciplinados como outros existirem melhores, seria impossível; possível porém ... *(no certo por ter na patente e endosso da Prússia, comandaria baterias)*; também pesava contando pontos: comandante dos voluntários alemães, originados em Blumenau e Joinville. E tudo acontecendo como estava pensando: seria um oficial artilheiro da Artilharia do gen. Mallet (Emílio Luís Mallet, 1801-1886).

A decisão superior metera-lhe no conhecimento outra realidade: ele e os seus comandados, foram incluídos nas atividades da Intendência militar embarcada no transporte de guerra “Araguari”. E quando este navio foi para o estaleiro para reparos de manutenção, ele com os comandados foram embarcados no “Príncipe de Joinville” com as mesmas funções.



Saboreando na mágoa o fiel da rejeição, o ressentimento enrugou-lhe a testa: ouvia e via a artilharia de Mallet, bem afastado da mesma. Não decifrou a razão de não ser útil, na única profissão que lhe deu a identidade. E no leque de divagações portou-se como um oficial disciplinado: teria sido os 44 anos de idade? Ou teria sido com eles a desatualização profissional somando 11 anos distanciado dos canhões e dos exercícios mantenedores de prontidão ... - O garbo militar que a vida rural destruíra, fizera falta na impressão? Ou ... Ou ... A pontinha da discriminação, natural, no gen. Mallet (culturalmente francês) contra o alemão? O por quê de estar 11 anos desatualizado piscou como o mais provável: *era um capitão dependente de instrução recicladora*. Pensou assim quando já de cabeça fria, antes compreendeu a decisão superior como um dedão indicador na ponta do seu nariz dizendo: Capitão! Seu tempo passou.

#### 4. Victor von Gilsa no “Projeto Esperança”



Capitão Victor von Gilsa

Teria Victor von Gilsa (imigrado aqui provado nos herdeiros) vivido a cidadania que quis? - ou foi um insatisfeito como o fora em sua pátria, quando optou pela fuga pelo canal (da esperança) para a “Kolonie Blumenau”?

A indagação tem consistência porque é verso do poema da vida que percorreu. Percorreu e provoca laborarmos a curiosidade medindo o desnivelamento quer social, quer econômico pelo qual se aculturou: e a visada risca a inclinação, uma reta composta no capitão-artilheiro condecorado e no pequeno agricultor anônimo.



Exalta-o ter sido útil convicto quando mestre-escola: a função lhe confere o diploma da cidadania brasileira especial. Já ali e naqueles tempos era uma certeza, que ser analfabeto, era ser inferior. E foi o que imigrado não quis para o filho, e ele Victor von Gilsa não permitiu que acontecesse.

Desta notícia de ontem tão pouco avaliada, hoje, vem o conhecimento vivência vivida sobre o “PROJETO ESPERANÇA”. Não tinha ele texto decretamente: todo dia era visto com o Sol nascente a policromia da mata.

### **BIBLIOGRAFIA DE APOIO:**

ALBERT SCHMID, Os Rezingões - Uma Legião Estrangeira de Alemães, a serviço do Brasil na guerra contra Rozas (tradução de gen. Klinger) 1951.

JOSÉ FERNANDO CARNEIRO, Karl von Koseritz, Porto Alegre, RS., 1939

HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN, Blumenau na História Militar Brasileira.

FREI ERNESTO EMMENDOERFER, OFM., Blumenau no Exército Nacional - Voluntários da Pátria de Blumenau, in Centenário de Blumenau 1850-Setembro-1950

AURÉLIO PORTO, Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul (1934).

### ***Corrigenda valorizadora:***

A Sra. Dona Grete Medeiros, colaboradora apreciada de “Blumenau em Cadernos”, dirigiu-se a esta redação com correção à afirmação de Theobaldo Costa Jamundá, dizendo que seu avô Hermann Baumgarten, não vestiu a camisa verde integralista. E ela além de oferecer correção valoriza o texto, no qual o escritor informa que Hermann Baumgarten viveu o período de 1856 a 1908. Entende-se que o integralismo apareceu 24 anos depois. - De certo Theobaldo Costa Jamundá não fez leitura revisora do texto que escreveu: equívoco ou erro só acontece com os vivos.



**Autores  
Catarinenses**

- **Cicatrizes,  
um romance  
que promete**
- **Variadas**

Texto:

*ENÉAS*  
*ATHANÁZIO\**

**BLUMENAU**  
*em Cadernos*

**A FORÇA DE UMA OBRA**

Conheci Mário Gentil Costa como contista e li com agrado os contos de sua autoria que me caíram sob os olhos. Sempre bem escritos, são movimentados e interessantes.

Agora, sem mais aviso, Mário Gentil Costa me surpreende com a remessa dos originais de um romance, concluído na início do ano, que li com atenção, admirando o fôlego do escritor para desenvolver um texto tão longo sem perder o ritmo e prendendo até o fim o interesse do leitor.

Ele é um autor que escreve com naturalidade, sem rebuscamentos desnecessários, e sabe dizer com precisão o que deseja. Maneja bem os diálogos - técnica que me parece cada vez mais rara - embora não faça uso abusivo deles. Seus personagens são bem delineados, no físico e no psicológico, e se portam de maneira coerente, isto é, são convincentes. Cultiva a precisão de linguagem, usando sempre a palavra adequada. É, enfim um escritor que sabe usar seu instrumento.

Neste romance, além do desafio de enfrentar outro gênero, também desafiou a conhecida recomendação da prudência, sempre repetida, segundo a qual só se deve aventurar a escrever sobre aquilo que é muito conhecido, como o próprio país, a cidade habitada a até a rua onde vive. E nesse particular se saiu bem, superando a dificuldade graças a uma grande cultura geral, muita pesquisa e informação e, talvez, depois de

---

\*) Escritor e advogado.



visitas pessoais aos lugares que lhe serviram de modelos.

O romance, de fato, é ambientado numa vila italiana nos arredores de Nápoles e no pós-guerra, quando a Europa se debatia no esforço de recuperação. Tudo começa ali, na mansão dos D'Israeli, que fora restaurada e “agora resplandecia em toda a majestade, pintada em cor amarela...”

Naquele casarão imponente, planta do entre jardins floridos e atapetados de grama verdejante, Beniamino D'Israeli comandava com mão de ferro a fazenda onde criava gado e produzia famosos vinhos de exportação. Ali tem início a luta entre o amor proibido e o veto do pai rico e prepotente, obcecado por regras religiosas rígidas e intolerantes. Fiel à tradição dos verdadeiros romances do gênero, o autor mistura amor e movimento, ternura e ação, numa trama em que não falta qualquer dos ingredientes necessários para absorver o leitor. No desenrolar da história surgem situações de confronto decorrentes do choque de gerações, atitudes machistas, intrigas, perseguições, chantagens, adultério, corridas de carros por estradas coleantes, até mesmo alguns tiros e bofetadas, tudo conduzindo para o desfecho esperado por um leitor que é mantido em permanente suspense. Além disso, muito nítidas, aparecem lições práticas de amor e tolerância.

Mais não devo dizer, sob pena de avançar em excesso, tirando do leitor o prazer da descoberta. Acrescento apenas que é visível a influência do cinema no texto, fato que o autor reconhece de forma explícita, e a observação de que em algumas passagens do livro julgo vislumbrar posicionamentos pessoais do autor, o que revela o quanto dele próprio foi colocado nestas páginas.

Tenho certeza de que o livro de Mário Costa, tão logo publicado, cairá no gosto dos leitores e virá reforçar a estante da romancística catarinense.

## VARIADAS

\* O “Jornal de Resenhas”, suplemento da “Folha de São Paulo”, em sua edição de 16 de junho, publicou longo artigo de Mariana Leal



Ferreira, doutora em antropologia médica pela Universidade da Califórnia em Berkeley (EUA), analisando o livro “Os Índios Xokleng - Memória Visual”, de Silvio Coelho dos Santos, ressaltando as qualidades da obra do antropólogo catarinense. Valeu!

\* “História do Gosto e Outros Poemas” é um volume que a Editora da UFS integrou à coleção “Memória Literária de Santa Catarina” como seu quarto título. Com estabelecimento do texto, ensaio introdutório e notas de Ana Brancher, o volume contém “Plaquetes” e “Poemas Avulsos” de Ernani Rosas, poeta catarinense que andava esquecido e cuja obra agora retorna às mãos dos leitores. O livro inclui cronologia, bibliografia, fotos e documentos, fornecendo muitas informações a respeito do poeta e sua obra.

\* Realizou-se e, Florianópolis, entre 31 de maio e 5 de junho, o “II Seminário de Cinema e Televisão do Mercosul”, buscando ampliar as relações do cinema com a televisão, abordando as políticas para o setor, as questões das produções e co-produções, integração audio-visual, produção nacional, regional e internacional, fontes de financiamento e muitos outros aspectos dessas atividades que se alargam com a concretização do Mercosul. Participaram “experts” do setor e instituições a ele ligadas, além de interessados em geral.

\* Para festejar seu 69º aniversário, Leonor Scliar-Cabral, ex-presidente da UBE-SC, lançou dois livros de sua autoria. “De Senectude Erótica”, conjunto de odes em edição bilíngüe português/francês, e “Poesia Espanhola do Século de Ouro”, edição bilíngüe espanhol/português foram as obras lançadas no salão de eventos do Palácio Cruz e Sousa.

\* Participando das homenagens alusivas ao centenário do falecimento de Cruz e Sousa, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) promoveu sessão comemorativa em que participaram, como palestrantes, os escritores Evaldo Pauli, Carlos Humberto Corrêa e Leatrice Moelmann, com coordenação de Osvaldo Ferreira de Melo e participação do Grupo Armação, interpretando obras do poeta.

\* “Atelier Alternativo”, da cidade de Brusque, promoveu grande mostra de arte de que participaram, entre outros, os pintores Sadi Lando (RS), Dino Corrêa (SP), Adriana Garibaldi (Argentina), Blando Y Couto



(Espanha) e A. C. Moraes (SP). O evento ocorreu no Centro Executivo Quartzo e teve grande visitação.

\* O venezuelano Jorge Eliecer Moreno Ferro expôs em Itajaí, na galeria da “Casa da Cultura Dide Brandão”, um conjunto de suas novas obras a que denominou “Nodu Vitale, Vitale Nodu” e que compreende um acervo de estruturas e esculturas que mantém íntima relação com o contexto cultural. A promoção foi da Fundação Cultural de Itajaí.

\* A UFSC vem promovendo diversos eventos na área das artes plásticas, destacando-se os seguintes: “Exposição Veio da Terra”, pinturas com tintas extraídas de vegetais e usando material reciclado, de autoria do artista Laércio Luz, de São João Batista (SC); “Vida Novamente”, arte ecológica de Aglaé Machado de Oliveira; “Oposições Polares”, mostra de xilogravuras de Lurdi Blauth; “Povo do Nepal”, fotografias de Fabrício Salume Mendonça, resultado de viagem a Kathmandu e à região do Everest, no Nepal; “Percepções do Cotidiano”, exposição de pinturas de André Slomp Zanetto; “Jardim do Silêncio”, mostra de objetos do artista plástico Gustavo Takasse; “Sepulcro”, exposição fotográfica de Joi Cletison. Promoveu ainda “Uma Noite Açoriana”, com lançamento do Livro “Dos Açores ao Brasil Meridional: uma Viagem no Tempo”, de Vilson Farias, palestra proferida pelo mesmo, exposição fotográfica de Joi Cletison e danças folclóricas açorianas.

\* Foram publicados, entre outros, os seguintes livros: “O Vôo da Coruja”, contos de Edson Ubaldo (Letras Contemporâneas), “Relatos Escolhidos”, contos de Silveira de Souza (Garapuvu); “Gatos Ariscos”, de Leatrice Moelmann (Insular); “Poetizando”, de Júlio Cesar Cridon dos Santos (Nova Letra) e “Pedações (in) Conjunto”, sexta antologia em prosa e verso da Associação Chapecoense de Escritores (ACHE). Foram publicados ainda os livros “Harry Laus - Artes plásticas”, “Os Papéis do Coronel”, “Monólogo da Provação” e “Impressões de Leituras”, todos de Harry Laus, e “Entre a Brisa e a Madrugada”, de Maicon Tenfen.



Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

- ) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
- ) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
- ) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
- ) Exemplos avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1998** (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R\$ .....

**Dados do assinante:**

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: ..... Caixa Postal: .....

CEP: .....-..... Fone p/ contato: .....

Cidade: ..... Estado: .....

.....  
Assinatura .

**Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"**

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)



# Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Alfred Luiz Baumgarten

Altamiro Jaime Buerger

Annemarie Fouquet Schünke

Ariano Buerger

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Nelson Vieira Pamplona

**Victória Sievert**

Willy Sievert (*in memoriam*)

**BTV - Blumenau TV a Cabo**

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

**Eletro Aço Altona S/A**

**Gráfica 43 S/A Ind. Com.**

**Hering Têxtil S/A**

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

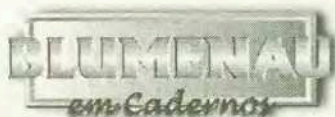
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Lindner Arquitetura e Design

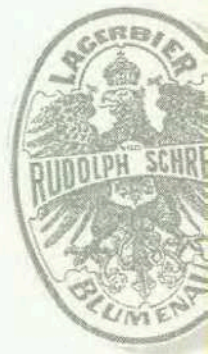
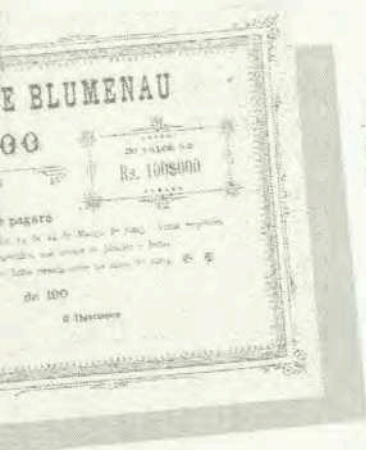
Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



**TOMO XXXIX**  
Agosto de 1998 - Nº. 07





BRICA DE CONSERVAS  
RDO SCHEEFFER

RUA 7 DE JANEIRO  
LUMENAU - ST. CATARINA - BRASIL



DOCE  
DE  
AMEIXAS

COMPANHIA DE NAVEGACAO FLUVIAL A VAPOR

ITALAERY - BLUMENAU

CAPITAL 100.000.000. DIVIDIDO EM 1000 AÇOES.

DE FABRICA DE  
R\$ 100.000

proprietario: Alvaro Garcia de Almeida, 1894, nasceu a 24 de Maio de 1854, em Blumenau, no Estado de Santa Catarina, filho de Alvaro Garcia de Almeida e de Maria de Almeida. O Sr. Alvaro Garcia de Almeida, nascido em 18 de Maio de 1854, em Blumenau, no Estado de Santa Catarina, filho de Alvaro Garcia de Almeida e de Maria de Almeida. O Sr. Alvaro Garcia de Almeida, nascido em 18 de Maio de 1854, em Blumenau, no Estado de Santa Catarina, filho de Alvaro Garcia de Almeida e de Maria de Almeida.

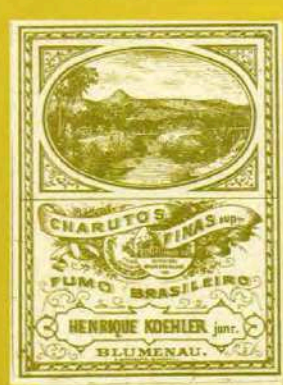
BLUMENAU de An 1894

De Administradores

O Presidente

O Secreário

BLUMENAU  
S. CATARINA  
**CAFE**  
FABRICA A VAPOR  
DE DESCASCAR, TORRAR E MOER



CROCHATE EN PÓ

Para uma xícara de leite ou água, leve-se dois colheres de sopa de pó de chocolate dissolva-se no leite.

Katz-Chocolate Za einer Tasse Milch oder Wasser, 2 Esslöffel von diesem Chocolatepulver; mit lauem Wasser zusammen setzen heissen dicken süßen schmecken.

